



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

GABRIELA CUBASKI SALA

**A IDENTIDADE GERMÂNICA NO HEIMTAL:
A CULTURA MATERIAL DO CEMITÉRIO LOCAL (1931-2019)**

GABRIELA CUBASKI SALA

**IDENTIDADE GERMÂNICA NO HEIMTAL:
A CULTURA MATERIAL DO CEMITÉRIO LOCAL (1931-2019)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André.

Londrina
2019

GABRIELA CUBASKI SALA

**IDENTIDADE GERMÂNICA NO HEIMTAL:
A CULTURA MATERIAL DO CEMITÉRIO LOCAL (1931-2019)**

Dissertação apresentada ao programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, como requisito à obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Richard Gonçalves André
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a. Dra. Cláudia Eliane Parreiras Marques
Martinez
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Lourival Andrade Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte -
UFRN

Londrina, 21 de outubro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador pelas infinitas contribuições para a minha formação, para a realização desta pesquisa, sendo meu referencial de historiador, me guiando em meio às fontes e à historiografia.

Agradeço à banca, por ter aceitado o convite de ler este trabalho e de realizar uma arguição enriquecedora.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina, que também contribuíram para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Museu Histórico de Londrina e ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) por disponibilizarem a consulta a documentos importantes a esta pesquisa.

Agradeço em especial a Maria Helena Oliveira Bernardes, “guardiã” do cemitério, pela concessão da entrevista e por confiar na seriedade desta pesquisa.

Agradeço aos amigos que me incentivaram nesta pesquisa, em especial Amanda, Bruna, Karen e Jaqueline, que não permitiram que eu desistisse de concluí-la.

Agradeço à minha família pelo suporte emocional e financeiro, que foram imprescindíveis para a realização deste trabalho.

A morte, tão poética porque
toca às coisas imortais, tão misteriosa por
causa do seu silêncio...

Chateaubriand

SALA, Gabriela Cubaski. **Identidade germânica no Heimtal**: a cultura material do cemitério local (1931-2019). 103 páginas. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

RESUMO

A Companhia de Terras Norte do Paraná (re) colonizou o norte do Paraná e fundou várias cidades atraindo compradores do Brasil e do exterior, e principalmente imigrantes já residentes no país. A primeira delas foi Londrina, no início da década de 30. O projeto colonizador previa a construção de patrimônios rurais, idealizados para realizar papel importante na sociabilidade do meio rural, e principalmente para ser um elo entre a área rural e urbana, facilitando assim o escoamento da produção agrícola. O Heimtal foi o primeiro destes patrimônios rurais a ser implantado pela CTNP, no ano de 1931, e a princípio foi pensado para ser uma colônia especificamente alemã, porém recebeu também imigrantes de diferentes nacionalidades. Estes imigrantes já haviam trabalhado nas fazendas de café em São Paulo, e ao se fixarem em sua própria terra é que puderam reelaborar suas normas sociais com base em seus elementos culturais. Os imigrantes alemães chegaram ao Heimtal em maior número, e exerceram papel de liderança no local. Foi por intermédio da religião, da língua e da atuação da escola alemã, que sua identidade foi reelaborada, a partir das características culturais que estes imigrantes possuíam em comum, ou que foram forjadas. Assim, imigrantes de outras nacionalidades passaram por um processo de germanização e de assimilação da nova identidade construída no local. Na segunda metade do século XX, com a urbanização da região norte de Londrina e com a mecanização do campo, o Heimtal passou por transformações que levaram ao êxodo de muitos de seus moradores. Hoje restam poucos moradores pertencentes a famílias germânicas, porém o cemitério local preserva inúmeros vestígios da presença alemã no local. Apesar das transformações ocorridas no Heimtal ao longo das últimas décadas, é possível analisar a constituição da sua identidade e suas transformações, amparados pelas fontes de cultura material do cemitério local e dos registros de inumação, além da manutenção e das mudanças das práticas de culto aos mortos. O cemitério também nos permite analisar as novas dinâmicas sociais estabelecidas na região norte da cidade de Londrina, bem como a presença de práticas religiosas marginalizadas pela sociedade.

Palavras-chave: Identidade. Imigração. Cemitério. Etnicidade. Germanidade.

SALA, Gabriela Cubaski. **German identity in Heimtal: the material culture of the local cemetery (1931-2019). 103 pages.** Dissertation (Master in Social History) - Londrina State University, Londrina, 2019

ABSTRACT

The Companhia de Terras do Norte do Paraná (re) colonized northern Paraná and founded several cities, attracting investors from Brazil and abroad, specially immigrants. The first one of these cities was the city of Londrina, in the early 1930's. The colonizing project predicted the construction of rural heritages, idealized to play an important part in the countryside sociability, and to be a link between the city and the country, facilitating the outflow of the agricultural production. Heimtal was the first of the rural heritages to be implanted by CTNP, in 1931, and, at first, was thought to be a German settlement, however I received immigrants of different nationalities. These immigrants had previously worked at coffee farms in the state of São Paulo and, as they settled in their own lands, they were able to redefine the social norms based on their culture. The German immigrants arrived at Heimtal in a bigger number, taking on the leading role in the settlement. It was through religion, language and the German school that their identity was remodeled, from their previous cultural characteristics or the new ones. Thereby, immigrants from other nationalities went through a process of Germanification and assimilation of their new identity, forged at Heimtal. In the latter half of the Twentieth Century, after the process of urbanization of northern Londrina and the mechanization of the country, Heimtal went through a series of transformations that led to the exodus of many of its residents. Nowadays, few residents descend from German families, but the local cemetery preserves many traces of the German presence. Despite of the many transformations that occurred at Heimtal in the last decades, is possible to analyze the constitution of Heimtal's identity and its transformations, supported by the local cemetery's material culture sources and inhumation records, besides the maintenance and changes of worship practices. The cemetery allows us to analyze the new social dynamics established in northern Londrina, as well as the presence of marginalized religious practices.

Key words: Identity. Immigration. Cemetery. Ethnicity. Germanity

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Quantidade de sepultamentos	44
Gráfico 2 – Faixa etária dos sepultados, entre 1931 e 1947	46
Gráfico 3 – Mortalidade infantil.....	47

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Túmulo Emil Chwertel. Cemitério do Heimtal, 2017.....	16
Imagem 2 – Mapa do Paraná em japonês	23
Imagem 3 – Panfleto propaganda CTNP em alemão	23
Imagem 4 – Panfleto Propaganda em italiano	24
Imagem 5 – Planta do cemitério Heimtal	53
Imagem 6 – Detalhe do túmulo de Elisa Furrer, cemitério do Heimtal, 2017	55
Imagem 7 – Túmulo de Elisa Furrer, cemitério do Heimtal, 2017	56
Imagem 8 - Túmulos de Emilie Kretzmar e Ludiwig Dreger (esquerda); Carlos João Strass e Edith Strass Barão (direita), cemitério do Heimtal, 2017	60
Imagem 9 - Túmulo de Michael Salomon, cemitério do Heimtal, 2017.....	64
Imagem 10 – Túmulo de Madalena Salomon, cemitério do Heimtal, 2019.....	65
Imagem 11 – Túmulo de Michael Salomon após reforma, cemitério do Heimtal, março/2019	66
Imagem 12 – Estrutura tumular da sepultura de Michael Salomon, que foi desmontada e descartada, cemitério do Heimtal, março/2019	66
Imagem 13 – Túmulo de Magdalena Salomon após reforma, cemitério do Heimtal, março/2019	68
Imagem 14 – Túmulo de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, nov/2017	70
Imagem 15 – Detalhe da base do túmulo de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, nov/2017	70
Imagem 16 – Lápide de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, março/2019 ...	71
Imagem 17 – Detalhe da Lápide de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, março/2019.	71
Imagem 18 – Túmulo de Maria Berg, cemitério do Heimtal. 2017	73
Imagem 19 – Túmulo Berta Sommerfeld, cemitério do Heimtal, 2018.....	76
Imagem 20 – Túmulo Erna Irma Funck Gb. Kleber, cemitério do Heimtal,2017.....	77
Imagem 21 – Túmulo Manoel C. Sobrinho, cemitério do Heimtal, 2017	78
Imagem 22 – Túmulo abandonado, cemitério do Heimtal, 2017.....	79
Imagem 23 – Túmulo sem identificação, cemitério do Heimtal, 2019.....	87
Imagem 24 – Ebó no túmulo de Otto Kuss, cemitério do Heimtal, 2019.....	88

Imagem 25 – Detalhe do Ebó no túmulo de Otto Kuss, cemitério do Heimtal, 2019	88
Imagem 26 – Ebó em túmulo desconhecido, cemitério do Heimtal, 2019	89
Imagem 27 – Ebó em túmulo desconhecido, com galinhas sacrificadas, cemitério do Heimtal, 2019	90
Imagem 28 – Detalhe de Ebó com galinhas sacrificadas, cemitério do Heimtal, 2019.	91
Imagem 29 – Detalhe de Ebó com galinhas sacrificadas, cemitério do Heimtal, 2019	91
Imagem 30 – “Trabalho” encontrado em frente ao cemitério, cemitério do Heimtal, 2019	92
Imagem 31 – “Trabalho” encontrado em frente ao cemitério, cemitério do Heimtal, 2019	92

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Principais causas de mortes em Londrina, Heimtal e Rolândia	48
Quadro 2 – Nacionalidade e faixa etária dos sepultados	50
Quadro 3 – Tipologias tumulares.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACESF	Administração dos Cemitérios e Serviços Funerários de Londrina
COHAB	Companhia de Habitação
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
NDPH	Núcleo de documentação e pesquisa histórica

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O VALE GERMÂNICO: ANTECEDENTES E INÍCIO DA OCUPAÇÃO	18
2.1	COLONIZAÇÃO ALEMÃ.....	25
3	MORADA DOS MORTOS: A MORTE ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO	38
3.1	AS FONTES	41
3.2	A MATERIALIDADE DOS TÚMULOS	50
3.2.1	Análise dos Túmulos de Tipo 1	54
3.2.2	Análise dos Túmulos de Tipo 2	72
3.2.3	Análise dos Túmulos de Tipo 3	76
3.2.4	Análise dos Túmulos de Tipo 4	77
3.2.5	Análise dos Túmulos de Tipo 5	78
4	RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL: A UTILIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DO HEIMTAL PARA RITUAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
	FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99

1 INTRODUÇÃO

A região norte do Paraná foi recolonizada¹ por uma empresa de capital inglês, a Companhia de Terras Norte do Paraná, que possuía fins lucrativos (TOMAZI, 2000). O projeto inicial contava com o planejamento da malha urbana da cidade, com terrenos reservados ao comércio, e, também com planejamento dos lotes rurais destinados a agricultura (ARIAS NETO, 2008).

Para que o empreendimento fosse bem-sucedido, foi também projetada uma rede de estradas facilitando o acesso as propriedades e a construção de uma estrada de ferro ligando a região à São Paulo, fundamental para a comercialização dos produtos agrícolas. O Patrimônio² do Heimtal era parte deste projeto, e seu papel era realizar a mediação entre o campo e a cidade, facilitando o escoamento da produção, além de oferecer uma estrutura de subsistência a esta população mais afastada do centro urbano, como por exemplo, um armazém para compra de sementes e mantimentos, mantendo a função de “abastecimento das propriedades situadas em seus arredores e de comercialização dos produtos agrícolas” (ALMEIDA, 1995, p. 90).

Em 1929 foi iniciado o processo de colonização do Norte do Paraná, e no mesmo ano iniciou-se também a implantação do primeiro patrimônio rural projetado pela CTNP: o Heimtal foi idealizado para ser uma colônia alemã por um funcionário da própria CTNP, o alemão Carlos João Strass, que realizou o papel de agente de vendas da companhia e “intermediou imigração de muitas famílias alemãs para a região” (ALMEIDA, 1995, p. 98). Strass foi quem sugeriu o local ideal para ser o patrimônio, e inclusive comprou alqueires de terra para plantação de café e instalação de um armazém (ALMEIDA, 1995).

O que inicialmente havia sido pensado para ser uma colônia de alemães recebeu imigrantes³ de outras nacionalidades também, como russos, tchecos, húngaros, romenos, entre outros, e que juntos construíram uma nova

¹ Tomazi (2000) utiliza o conceito de reocupação e de recolonização, pois ao contrário do discurso sustentado pela CTNP, sabemos que a região já era habitada.

² É comum na região norte do Paraná usar a palavra patrimônio para se referir a distritos. Neste caso, o termo “patrimônio” esta sendo utilizado no lugar de “distrito”. A utilização deste termo é recorrente ao longo do texto.

³ A maior parte dos imigrantes que compraram terras em Londrina já estava estabelecida no Brasil, e eram colonos nas fazendas de café da região sudeste. Logo, Londrina recebeu poucos imigrantes diretamente do exterior.

organização social, realizando “uma reestruturação de todo o sistema de valores que anteriormente orientava as suas práticas e concepções” (ALMEIDA, 1995, p. 114), tentando reafirmar sua cultura e sua identidade.

A presença germânica não é tão expressiva entre os moradores do Heimtal atualmente, porém ainda existem inúmeros indícios dela. O cemitério do Heimtal é ao mesmo tempo objeto e fonte deste trabalho, pois ele representa um microcosmo da sociedade em que está inserido (REIS, 1991), além dos túmulos serem locais de reafirmação da identidade familiar daquele jacente. Sendo assim, esta pesquisa se propõe a investigar a presença da identidade germânica no cemitério do Heimtal, realizando um recorte temporal de 1931, ano do primeiro sepultamento da necrópole, à atualidade, conseguindo assim abranger também as práticas realizadas ainda hoje neste local, pois “o que importa não é o objeto, mas as relações sociais” (REDE, 1993, p. 273). A data final deste recorte temporal é o ano de 2019, pois foram analisadas práticas religiosas atuais, além de modificações em estruturas tumulares.

O cemitério, além de objeto, é também a fonte para esta pesquisa, pois os próprios túmulos e epitáfios nos dão indício documental para a pesquisa, uma vez que a cultura material também é um suporte de informação, que carrega consigo significados impressos na sua materialidade. A utilização da cultura material como documento de análise é necessária, pois os objetos de cultura material propõem questões que não aparecem em documentos escritos, possibilitando a análise de elementos que até então haviam passado despercebidos pela análise de outra tipologia documental (REDE, 1993).

Trabalhar com cultura material permite ver aspectos que outros tipos de documentos não permitem, porém exige um alargamento do “espectro documental; implica também uma mudança de raciocínio, que habilite a pensar outros problemas ou os mesmos problemas de outra forma” (REDE, 1993, p. 277). Para tal análise, o historiador precisa estar atento às transformações nas quais os objetos de cultura material passam a perda ou incorporações de atributos, pois é necessário “investir no entendimento dessa cadeia mutável para incorporar a cultura material em sua plenitude material” (REDE, 1993, 276). Tais transformações que o objeto de cultura material pode sofrer envolvem três dimensões distintas: forma, função e significados, que serão abordados mais adiante na análise das fontes (REDE, 1993).

Além do entendimento desta “cadeia mutável” no qual o objeto de cultura material faz parte, é necessário que seja realizada uma combinação de fontes, pois este “arranjo calibrado de fontes” (REDE, 1993, p.277) contribui para um alargamento das possibilidades de análise. A cultura material nos possibilita análises no campo da materialidade e da imaterialidade, que somadas a outros tipos de fontes, constituem “um arranjo calibrado” que nos permitem a “análise de fenômenos não acessíveis” apenas pelas fontes escritas (REDE, 1996, p. 277).

Este trabalho surgiu da busca de entendimento a respeito da memória alemã no Heimtal, que com o crescimento acelerado de Londrina deixou de preservar de forma organizada suas características rurais e, sobretudo sua identidade étnica. Entretanto, as fontes nos permitiram um alargamento de análises a respeito da construção da identidade do Heimtal.

Esta pesquisa se faz necessária, pois apesar de debates já realizados pela historiografia (ALMEIDA, 1995; ARIAS NETO, 2008) a respeito da história do Heimtal, havia muitas lacunas a serem investigadas, como por exemplo, a construção da identidade étnica, as dinâmicas sociais e culturais existentes, além de reflexões que foram permitidas através da utilização das fontes de cultura material, que nos possibilitaram analisar as práticas mortuárias, o culto aos mortos, a religiosidade e a construção da memória coletiva do Heimtal. A utilização da cultura material como documento histórico nos permite diferentes perspectivas sobre os fenômenos históricos, e que combinadas com outro tipo de fonte histórica, como a escrita ou oral, nos abrem um leque de possibilidades quanto à análise. Foi através da materialidade dos túmulos do cemitério do Heimtal que notamos a presença judaica no local, e as negociações identitárias realizadas por seus moradores.

Imagem 1 - Túmulo Emil Chwertel. Cemitério do Heimtal, 2017.



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Quem visita o cemitério do Heimtal pela primeira vez, se surpreende com a quantidade de túmulos “alemães”, com inscrições na língua alemã ou com características arquitetônicas distintas dos demais cemitérios da cidade. Na imagem 1 podemos ver um túmulo aparentemente alemão, com epitáfio na língua alemã. Entretanto, através do livro de Inumação da CTNP (1931-1947) conseguimos identificar que Emil Chwertel é de origem russa. Ora, por qual motivo um russo teria inscrições em alemão em seu túmulo? As sepulturas do cemitério do Heimtal revelam as negociações que as nacionalidades destes imigrantes passaram ao chegar ao Brasil, que implicava em adequar sua cultura aos moldes aceitos pela sociedade. No caso de imigrantes europeus, os costumes e culturas foram aceitos, pois ampliaram o “paradigma nacional de um Brasil branco” (LESSER, 2001, p. 293), porém durante a segunda guerra mundial esse quadro se alterou para imigrantes e descendentes germânicos.

A sepultura de Emil Chwertel é uma das muitas existentes no cemitério que realizam uma exaltação a memória alemã, embora o jacente não seja efetivamente alemão. No Heimtal, a etnicidade também foi uma forma de organização social, e para se enquadrarem nela, alguns imigrantes de outras

nacionalidades passaram por um processo de germanização (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998).

Por ser um pouco afastado, não possuir muitos moradores ao seu entorno, e por ter muros baixos, o cemitério do Heimtal acaba sendo local propício para rituais religiosos marginalizados pela sociedade. Ao longo do período em que esta pesquisa se estendeu, encontramos por inúmeras vezes Ebós e despachos. Estudar tais rituais não era a intenção desta pesquisa, porém da experiência obtida pelo trabalho de campo pudemos perceber as singularidades destes cultos marginalizados que são efetuados neste local, e decidimos incluir uma breve análise destes rituais na pesquisa.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo “O vale Germânico: antecedentes e início da ocupação” trabalhamos com os antecedentes do Heimtal, o projeto colonizador, a comercialização da terra, a chegada dos imigrantes e o início da ocupação do Heimtal e de Londrina. As análises propriamente ditas são realizadas no segundo capítulo intitulado “A morada dos mortos: a morte enquanto objeto de estudo”. Neste capítulo trabalhamos as mortes ocorridas nas primeiras décadas de colonização, realizando uma análise quantitativa referente à nacionalidade e a faixa etária dos sepultamentos ocorridos entre 1931 e 1947. Posteriormente são realizadas análises de cinco tipologias de túmulos, e ao longo da discussão trabalhamos a construção da germanidade⁴ no Heimtal. No terceiro e último capítulo, abordamos a utilização do espaço cemiterial para a realização de rituais de religiões de matriz africana, e as transformações nas práticas de culto aos mortos no local.

⁴ O conceito de germanidade será discutido em breve.

2 O VALE GERMÂNICO: ANTECEDENTES E INÍCIO DA OCUPAÇÃO

Este capítulo tem por objetivo entender como era a região antes da presença de empresas colonizadoras, os motivos que despertaram o interesse de empresas de capital privado, o desenvolvimento do projeto colonizador, bem como a chegada dos primeiros moradores do Heimtal e a nova dinâmica social estabelecida.

O nosso objeto de pesquisa está localizado geograficamente na região norte do Paraná, porém para tratarmos dessa localidade é impossível não passarmos pela discussão acerca da construção do discurso “Norte do Paraná”. O termo não se refere apenas à localização geográfica, pois ele carrega consigo um discurso que forjou a história da região. Segundo Nelson Tomazi (2000, p. 32), “os construtores do discurso ‘Norte do Paraná’ estão de costas para o passado, olhando para frente, para um futuro imaginário, pois não querem olhar a pilhagem que foi realizada e os escombros que foram deixados para trás”. Tomazi (2000) se refere à desvalorização da cultura de povos que já estavam estabelecidos no norte do Paraná antes da chegada da empresa colonizadora.

Tomazi (2000) levanta o questionamento sobre a necessidade de contar uma história única como sendo a verdade sobre determinado ocorrido, e que no caso do norte do Paraná mais especificamente, o discurso do vazio demográfico sustenta a “dominação e a manutenção do poder”. Segundo ele:

Ao assumir a ideia de “região”, no caso específico do espaço situado ao norte do estado do Paraná, creio que se define um referencial fixo, ahistórico, instituindo um saber e um discurso consubstanciado na “história regional do norte do Paraná”. Primeiro cria-se a “região norte do Paraná”, com limites fixos e estáticos, depois cria-se uma cronologia, isto é, tem uma origem e um transcurso histórico, mais tarde define-se a identidade com base numa homogeneidade pretendida. A “história regional do norte do Paraná” assim, é mais um discurso que legitima construção “Norte do Paraná” e as relações de poder que a instituiu. (TOMAZI, 2000, p. 119)

Para Arias Neto (2008), a região norte do Paraná possui “uma delimitação territorial precisa, por outro lado, possui uma dimensão sociopolítica e ideológica muito mais ampla” (ARIAS NETO, 2008, p. 21). Ele discorda de Tomazi (2000) ao afirmar que são as relações sociais que fundam uma região. Segundo sua ótica, a formação da região Norte do Paraná surge da articulação de diferentes dimensões, sendo elas:

[...] a organização social do território, as relações inter-regionais, ou melhor dizendo, as articulações entre a região e o governo do Estado do Paraná, de um lado, e o capitalismo internacional com sede em São Paulo e em Londres, de outro, bem como as relações e produção que se instauram internamente a ela e as representações desses processos (ARIAS NETO, 2008, p. 22).

A imagem do pioneiro de Londrina não carrega consigo apenas o seu significado literal, de desbravador ou homem que “chegou na frente”. Ele representa o forjamento da narrativa sobre Londrina, e a criação de símbolos e suportes para apoiá-la. Sua figura é um dos mitos fundadores de Londrina, pois:

[...] está vinculada, primeiramente, à epopeia dos primeiros habitantes da cidade. Esta tradição de vencer a adversidade é apreendida e utilizada como herança pelos cafeicultores, das décadas de 1940 e 1950, muitos deles que somente chegaram à cidade depois da década de 1930. No plano das representações se construiu uma identidade transformando os cafeicultores e empresários da moderna Londrina em herdeiros históricos dos primeiros pioneiros. (LEME, 2013, p. 91)

Outro mito fundador de Londrina, segundo Leme é a atuação da CTNP enquanto responsável pelo sucesso do empreendimento imobiliário de colonizar a região, e usada para justificar o crescimento da cidade e o desenvolvimento da cafeicultura (LEME, 2013). Tal mito foi construído pela própria CTNP a partir de suas publicações no jornal “Paraná Norte”⁵ onde o “legado da CTNP e de seus personagens e da colonização inglesa para a história de Londrina” (LEME, 2013, p. 91) era reforçado.

Por volta da década de 1920, a região norte do Paraná passa a ser ocupada por empresas privadas que adquiriram terras do governo do estado e iniciaram a “colonização” da região (ARIAS NETO, 2008). Entre estas empresas estava a “Brazil Plantations Syndicate, transformada em Paraná Plantations Syndicate, [...] e sua subsidiária brasileira, a Companhia de Terras Norte do Paraná” (ARIAS NETO, 2008, p.5). A referida empresa de capital inglês adquiriu o total de 1.235.240,60 hectares do governo do Paraná (ALMEIDA, 1997), vindo ao encontro com os interesses do governador em “dinamizar a ocupação do Paraná por meio de

⁵ “Paraná Norte” foi o primeiro jornal de Londrina. Fundado em 1934, foi publicado até o ano de 1953. O periódico foi utilizado “como um novo suporte para a propaganda da Companhia foi utilizado como seu principal porta-voz, em divulgar e propagar seus interesses e ideologias” (LEITE, 2012, p.211).

concessões de terras devolutas e particulares, para que estes empreendessem a fixação de pequenos agricultores” (ARIAS NETO, 2008). E “embora seja privada, sua atividade deve ser considerada de interesse público” (TOMAZI apud ARIAS NETO, 2008, p. 18).

Antes da compra da terra, foi realizada pelos integrantes da empresa inglesa uma viagem de expedição à região, para verificar se a mesma tinha as condições necessárias para realização do empreendimento imobiliário. Essa expedição é chamada de “Missão Montagu” e ocorreu entre 30 de dezembro de 1923 e 4 de março de 1924 (TOMAZI, 2000).

Para a aquisição das terras, foi necessária a utilização de mais capital do que o previsto pela Companhia, pois além de comprar do governo do Paraná, precisaram negociar com “posseiros e proprietários com títulos duvidosos [...] tendo assim pago duas ou três vezes pela mesma parcela de terra” (ARIAS NETO, 2008, p. 5).

O projeto inicial da CTNP:

[...] previa a subdivisão em grandes módulos denominados glebas, subdivididos em lotes rurais de dez alqueires em média e a implantação de núcleos urbanos ao longo da ferrovia e da Estrada Mestre. A empresa de capital britânico tinha como uma das estratégias a formação de colônias ou bairros rurais compostos de grupos homogêneos de imigrantes. (YAMAKI, 2011, p.222)

De acordo com Arias Neto (2008), o intuito inicial da CTNP era comercializar grandes lotes de terra, para assim formar fazendas cafeicultoras na região. Entretanto o plano sofreu alterações e ocorreu a comercialização apenas de pequenos lotes, seguindo o modelo de colonização realizado na ilha holandesa de Sumatra, e que tinha obtido sucesso.

Quando a CTNP reformulou seu projeto imobiliário em face da crise de 1929, diminuindo o tamanho dos lotes de terra e facilitando o pagamento, ela também mudou o seu público alvo. Assim, sua dinâmica comercial se voltou aos imigrantes europeus e asiáticos que viviam na região sudeste do país (MAESIMA, 2012).

Segundo Ana Maria Chiarotti de Almeida (1995), inúmeros fatores ligados à dinâmica capitalista internacional, garantiram o sucesso do projeto da CTNP, e da atração de inúmeros imigrantes para a região. De um lado a crise

européia e o desemprego no Pós-Primeira Guerra Mundial, do outro as políticas brasileiras favoráveis à imigração. Além do aumento do preço do café, que estimulava a produção nacional. A intensificação das propagandas da “Terra da Promissão” e do “Eldorado” divulgadas na imprensa internacional, atraíram estes imigrantes que acreditavam que poderiam obter muito lucro se tornando proprietários da terra. Podemos considerar, que “a migração das populações para a região colonizada pela CTNP deve ser considerada como um evento historicamente determinado pela expansão do capitalismo no campo” (ALMEIDA, 1995, p. 25).

Para compreendermos sobre a presença estrangeira no norte do Paraná, precisamos compreender os motivos que trouxeram estes imigrantes para o Brasil. Em linhas gerais, grupos estrangeiros começaram a imigrar para o Brasil ainda no período imperial, principalmente após a abolição, para substituir a mão de obra escrava nas fazendas de café paulistas (ALVIM, 2012, p. 218). Eram majoritariamente camponeses pobres, que haviam sido expropriados do campo na passagem para o sistema capitalista (ALVIM, 2012), e que não foram absorvidos na indústria por conta da industrialização tardia de inúmeras regiões europeias, como da Itália e Alemanha. A imigração era a solução para diminuir o crescente número de desempregados europeus, e também a falta de trabalhadores em países na América, como foi o caso do Brasil (ALVIM, 2012).

A maior parte destes imigrantes substituiu a mão de obra negra nas fazendas paulistas, em condições muito semelhantes à escravidão. Outros ainda foram povoar colônias no sul do país, principalmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com o intuito de ocupar regiões ainda sem desenvolvimento capitalista, além de ajudar no projeto ideológico do “branqueamento da raça e na necessidade de uma nação mais civilizada” (ALVIM, 2012, p. 231).

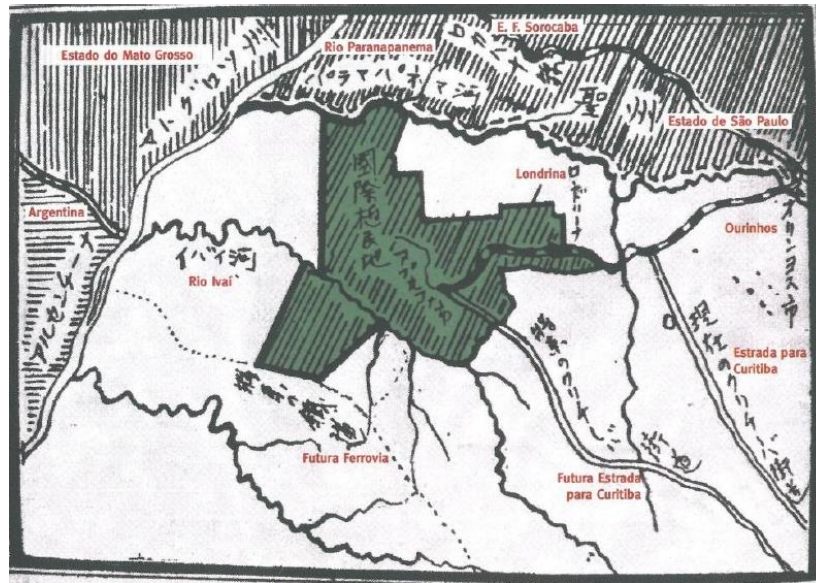
Foram estes imigrantes os principais compradores de terras no norte do Paraná, ou seja, imigrantes que já estavam estabelecidos no Brasil. A princípio eles planejavam arrecadar dinheiro suficiente para voltar para seu país de origem e lá comprarem terras, porém como não conseguiram enriquecer como esperavam, enxergaram na possibilidade de pagamento parcelado oferecida pela CTNP a chance de finalmente serem donos de um pedaço de terra. Essa possibilidade atraiu “pessoas de diferentes proveniências, etnias e nacionalidades, sobretudo agricultores arrendatários e colonos, imigrantes europeus e asiáticos, que moravam na região sudeste do Brasil” (MAESIMA, 2012, p.67-68).

Assim, com o desejo de comprar terras e a possibilidade de pagamento parcelado, muitos imigrantes foram seduzidos pela imagem da Terra de Promissão, além da possibilidade da formação de grupos étnicos, onde poderiam reconstruir sua cultura e seus costumes. A CTNP se esforçou para construir uma imagem de “harmonia entre as raças, por sua vez constituída da representação da Terra de Promissão. Certamente aquela imagem colaborou para que pessoas e grupos de diferentes nacionalidades afluíssem para aquela nacionalidade” (MAESIMA, 2012, p.81).

Conseguimos observar essa dinâmica de comercialização com imigrantes estrangeiros através do papel dos agentes de terras (funcionários da CTNP), que eram de nacionalidades diferentes e tinham a tarefa de comercializar com imigrantes daquela nacionalidade específica, como é o caso do agente Hikoma Udihara, responsável pela comercialização com compradores japoneses, Carlos Strass, responsável pela comercialização com imigrantes de descendência germânica, ou de Antônio José Raio, de origem portuguesa (MAESIMA, 2012).

Na imagem 2 podemos ver um mapa do Paraná em japonês, confeccionado por Hikoma Udihara, agente de terras da seção nipônica, para atrair compradores japoneses para a região. O mapa mostra o local destinado aos colonos japoneses, destacado em verde no mapa, além das principais estradas e a presença da linha férrea. Também mostra outras cidades do Paraná e de São Paulo, como pontos de referência para o imigrante localizar Londrina. Além de mapas e panfletos em japonês, “identificava roteiros e determinava os horários precisos das conexões. Da mesma forma, anunciava a gratuidade de trechos finalizados em Londrina” (MAESIMA, 2012, p. 103), para que o chefe da família nipônica pudesse conhecer a região antes de efetuar a compra.

Imagem 2 - Mapa do Paraná em japonês



Fonte: IKEDA, 1949, *apud* YAMAKI, 2018, p. 21

Na imagem 3 podemos observar outro material de propaganda da CTNP, desta vez destinado aos imigrantes alemães. A propaganda publicada em um jornal alemão de Curitiba, o “Deutsche Zeitung”, em agosto de 1936 fala sobre a rentabilidade da plantação de mamona para a produção de óleo de rícino, atividade que já está sendo realizada na colônia alemã de Rolândia. Ainda diz que a CTNP possui as melhores e mais baratas terras da região.

Imagem 3 - Panfleto propaganda CTNP em alemão

Sonnabend, den 1. August 1936

RIZINUS

Der Aufschwung des Flugwesens in der ganzen Welt hat eine gewaltige Nachfrage nach feinen Schmierölen mit sich gebracht. Unter letzteren steht Rizinus an erster Stelle, und darauf ist die Preissteigerung des Rizinusamens während der letzten zwei bis drei Jahre zurückzuführen.

Deutsche Fachleute, die Nordparaná besuchten, haben gefunden, dass dort Boden und Klima das Wachstum des Rizinusstruches besonders begünstigen, sodass die

Qualität und der Ölgehalt des Samens ausserordentlich hoch sind.

Gegenwärtig pflanzen viele Siedler Nordparaná Rizinus in der deutschen Kolonie ROLAND gesammelte Statistiken haben bewiesen, dass bei sachkundigem Anbau eine Ernte von 6000 bis 7000 kg Samen per Alqueire möglich ist.

Bedeutende deutsche Finanzkreise haben in der Absicht, Rizinuskulturen einzulegen, ausgedehnte Landereien von der COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ erworben.

RANSCH 100-3

Auskunfte und Prospekte ueber die billigen und fruchtbaren Boeden der

Companhia de Terras Norte do Paraná

Hauptagentur: São Paulo, Rua 3 de Dezembro Nr. 48 — Caixa postal 2771.

Fonte: Acervo NDPH/UEL.

Na imagem 4 podemos ver outro material de propaganda, desta vez destinado a imigrantes italianos. Na capa do folheto existe a fotografia de uma ponte, e logo abaixo a informação que a ponte possui 300 metros de comprimento e que foi construída pela maior e mais moderna empresa de colonização do mundo, fazendo referência a CTNP. O texto ainda faz referência a “meca dos italianos”, remetendo a promessa da construção de colônias étnicas. No interior do panfleto há também uma série de informações sobre a região, como sobre o clima, a infraestrutura da cidade, a fertilidade do solo, entre outros.

Imagem 4 - Panfleto Propaganda em italiano



Fonte: Acervo NDPH/UEL.

Segundo Maesima,

Ao imigrado em busca de mobilidade social, o empreendimento da CTNP representava a possibilidade, isto é, ter acesso facilitado à posse da pequena propriedade de terra e aglutinar-se, aproximar-se dos grupos da mesma nacionalidade, região, ou aldeia de origem (MAESIMA, 2012, p.68).

Essa possibilidade de formação de grupos de uma mesma etnia foi fundamental para o sucesso do empreendimento imobiliário da CTNP, pois essa aglutinação de pessoas de uma mesma etnia não era bem vista pelas autoridades brasileiras (MAESIMA, 2012). A CTNP se utilizou da representação de uma harmonia de raças, fazendo com que Londrina se transformasse um “polo de atração de imigrantes” (MAESINA, 2012, p. 92).

2.1 COLONIZAÇÃO ALEMÃ

Quando falamos de cultura germânica no norte do Paraná, imediatamente os moradores da região pensam na cidade de Rolândia (localizada a 25 km de distância, a oeste de Londrina). A fundação da cidade de Rolândia foi de interesse da Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar, que tinha como objetivo:

[...]investigar locais na América Latina adequados à colonização alemã. Tentativas dessa natureza já haviam sido realizadas, mas, por falta de apoio e organização, não tiveram sucesso. Desse modo, o governo alemão chegou à conclusão de que esse tipo de empreendimento deveria encaminhar sistematicamente, grupos de colonos para uma mesma localidade onde, em conjunto, adquirissem terras (CARNEIRO, 1996, p. 135 apud SOARES, 2012).

Essa empresa alemã intermediou a vinda de alemães para Rolândia no início da década de 30, e mesmo após a proibição da saída de capital da Alemanha, desenvolveu uma estratégia onde se estabelecia uma permuta entre o interessado em imigrar, e a CTNP, realizando uma triangulação econômica, pois “adquiria-se na Alemanha ferro e demais materiais ferroviário, os quais eram vendidos à CTNP, que por sua vez outorgava um vale-terra que dava direito à posse de uma propriedade na Gleba Roland” (SOARES, 2012, p.73). Essa estratégia conseguiu tirar da Alemanha inúmeros judeus ou “não nazistas”, e trazê-los em segurança para o Paraná. Por conta disso, o número de alemães judeus em Rolândia era grande (SOARES, 2012).

No caso de Rolândia os imigrantes alemães compraram seu lote de terra por meio de permuta, estando ainda na Alemanha, e realizaram uma imigração direta. Diferente de Rolândia, os alemães que compraram lotes no Heimtal eram em

sua maioria imigrantes germânicos, e de algumas outras nacionalidades, que já estavam estabelecidos no Brasil há algum tempo, tendo trabalhado nas fazendas de café de São Paulo. Segundo Almeida (1995), entre os primeiros moradores do Heimtal, a maioria possuía origem camponesa e “imigrou logo após a Primeira Guerra para fugir da crise econômica e do desemprego que assolava a Alemanha e toda a Europa, fixando-se primeiro nas fazendas de café de São Paulo como colonos” (ALMEIDA, 1995, p. 116).

O Heimtal foi concebido para ser um patrimônio rural, entretanto, com o crescimento da região norte da cidade nas últimas décadas ele passou a integrar a malha urbana. Originalmente pensado para ser uma colônia alemã, recebeu também imigrantes de outras nacionalidades, que discutiremos mais adiante. Recentemente, com sua integração na área urbana de Londrina, sua história está sendo pouco a pouco engolida pelo rápido crescimento da cidade. Investigar seu passado “se parece com o ogro da lenda” que fareja carne humana (BLOCH, 2002, p. 20).

Com projeto assinado pelo engenheiro Alexandre Razgulaeff⁶, o Heimtal apresentava “referências de um ideal estético cultural europeu de vilarejos bucólicos” (YAMAKI, 2011, p. 231). Entretanto, o grandioso projeto sofreu alterações, e hoje restam poucas referências ao projeto inicial. O único local onde a memória do pequeno lugarejo ainda resiste é o cemitério, objeto e fonte desta pesquisa.

O Heimtal, “foi o primeiro núcleo rural implantado pela companhia em sua ação colonizadora no Norte Novo do Paraná [...]” (ALMEIDA, 1995, p. 95) sendo parte importante do projeto de colonização da região. Estes núcleos rurais foram projetados para serem uma ligação entre o campo e a cidade, facilitando assim o escoamento de produtos agrícolas, além de ter “um papel fundamental na organização socioeconômica do meio rural” (ALMEIDA, 1995, p. 95,).

Segundo Humberto Yamaki (2011), o primeiro registro em que consta alguma informação a respeito do Heimtal é do início da década de 30, em uma publicação “escrita em japonês por Shuho Nakanishi, organizada por Hikoma Ujihara, corretor de terras na seção nipônica” (YAMAKI, 2011, p. 227). O livreto tem

⁶ Engenheiro russo, Razgulaeff era agrimensor da CTNP e é o responsável pelo projeto da cidade de Londrina, do Heimtal e de seu cemitério. Também é de sua autoria o projeto de outras cidades colonizadas pela CTNP na região Norte do Paraná (BONI, 2004).

intenção de incentivar a imigração (ou reemigrarão) de japoneses para Londrina, e menciona outros grupos de imigrantes, tentando mostrar como o empreendimento imobiliário é bem-sucedido. Segundo a publicação a qual se refere Yamaki, “A Colônia Heimtal, predominantemente de imigrantes alemães já possui um núcleo urbano, e, tendo em vista a criação de um patrimônio moderno estão sendo projetados a escola, a igreja e o jardim” (apud YAMAKI, 2011, p. 227).

Para garantir o escoamento da produção agrícola, a Companhia de Terras:

[...] deveria viabilizar relações estreitas entre o campo e cidades, permitindo, ao mesmo tempo, facilidades no escoamento e comercialização da produção agrícola, e uma estrutura adequada de atendimento à população migrante que chegava à região. (ALMEIDA, 1997, p. 92)

O Heimtal foi o primeiro patrimônio rural implantado pela CTNP no norte do Paraná, porém outros foram criados ao longo da exploração da região pela empresa inglesa⁷. Em 1936 outro patrimônio rural foi fundado pela CTNP nas proximidades do Heimtal, localizando-se também na Gleba Jacutinga. A Warta foi planejada inicialmente para ser uma colônia de poloneses, e implantada a uma distância de cerca de 8 quilômetros do Heimtal (ALMEIDA, 1995). Estes pequenos patrimônios faziam parte de uma “rede de comunicações e de prestação de serviços” que incluía não só a cidade de Londrina, e sim uma série de cidades localizadas na região norte do Paraná, todas elas formadas a partir do interesse imobiliário da Companhia de Terras na região. Estes “patrimônios e cidades foram integrados a núcleos urbanos maiores, situados a uma distância média de 100 km e planejados para serem polos regionais” (ALMEIDA, 1995, p.89).

Os patrimônios rurais também assumiram importante papel na estruturação das relações socioculturais dos habitantes da região rural, pois:

⁷ Segundo a Prefeitura de Londrina, atualmente a cidade possui “8 Distritos Rurais que são: Espírito Santo, Guaravera, Irerê, Lerroville, Maravilha, Paiquerê, São Luiz e Warta. As comunidades rurais que estão próximas do centro urbano são: Três Bocas, Limoeiro, Selva e Patrimônio Heimtal”. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613%3Adistritos-da-zona-rural&catid=13%3Aagricultura-e-abastecimento-&showall=1>. Acesso em 15 de jul 2019.

ao mesmo tempo que funcionavam como pequenos centros comerciais e abastecedores intermediários, os patrimônios eram os espaços onde se desenvolviam as atividades lúdico-religiosas da população rural que vivia nas imediações. (ALMEIDA, 1995, p.92)

Para colocar em prática o projeto e iniciar a venda dos lotes, a CTNP utilizou-se da propaganda e da fotografia. O fotógrafo José Juliani foi contratado para ser o fotógrafo oficial da CTNP e seu trabalho foi utilizado em inúmeras publicações no Brasil e no exterior, com o intuito de construir uma imagem de fertilidade para a região e garantir aos possíveis interessados as vantagens do projeto imobiliário. Segundo Arias Neto (1993, p. 15):

a publicidade da Companhia foi veiculada em todo o Brasil e no exterior e atraiu uma grande e variada clientela. Europeus que fugiam das convulsões políticas e sociais originadas pela consolidação da União Soviética, pela ascensão do nazismo e do fascismo, pela guerra civil espanhóis, e também camponeses expropriados pelo processo de desenvolvimento do capitalismo europeu.

A partir do interesse econômico da CTNP na região norte do Paraná, iniciaram inúmeras transformações ambientais, econômicas e sociais na região. A atração de compradores das mais variadas nacionalidades, fez com que se constituísse em Londrina uma sociabilidade única, uma bricolagem de elementos culturais brasileiros, europeus e asiáticos. O papel da CTNP e os primeiros moradores da cidade, os chamados “pioneiros”, são exaltados como mitos fundadores de Londrina enquanto potência econômica (LEME, 2013).

Desta maneira, a CTNP utilizava a formação de colônias e grupos étnicos, como um atrativo para estes imigrantes que trabalhavam principalmente na região de São Paulo. O Heimtal foi pensado para ser uma colônia étnica alemã, porém recebeu imigrantes de algumas outras nacionalidades, porém que possuíam alguma ligação cultural entre si. Ao chegar ao novo local, esses imigrantes reelaboraram todo o seu universo cultural, e tentaram fazer com que sua comunidade fosse o mais próxima possível da sua cultura, ou do que elegeram como tal. Para analisarmos esse grupo étnico que se constitui no Heimtal, utilizaremos as teorias da etnicidade, de Fredrik Barth (1998). O conceito de “grupos étnicos” é essencial para compreensão da formação da germanidade no Heimtal, e na definição das fronteiras étnicas que delimitam este grupo.

As fronteiras a qual nos referimos não são geográficas, são fronteiras sociais que são construídas para delimitação destes grupos étnicos. São tecidas a partir da reafirmação de alguns traços culturais e da dicotomização das pessoas que não se enquadram nesta categoria étnica (BARTH, 1998). O Heimtal é conhecido como um local de imigrantes alemães, entretanto, sabemos que está “fama” de alemães é fruto de uma construção, pois os imigrantes do Heimtal não eram apenas alemães. Essa cultura alemã lembrada no Heimtal é fruto de inúmeras negociações e de seleções de elementos culturais necessários para o forjamento de uma identidade própria.

A construção das fronteiras étnicas está ligada aos “processos sociais de exclusão e de incorporação pelos quais categorias discretas são mantidas, apesar das transformações na participação e na pertença no decorrer da história de vidas individuais” (BARTH, 1998, p. 188), isto é, os grupos étnicos selecionam seus marcos identitários ou características culturais na qual classifiquem como importantes, e a partir deles excluem os indivíduos que não se enquadram dentro de padrões estabelecidos.

O Heimtal recebeu imigrantes de diversas origens, estrangeiras ou nacionais. Ali, estes moradores precisaram se sociabilizar, e para que pudessem viver em sociedade algumas regras sociais foram negociadas. Não possuímos documentação que nos afirme sobre a nacionalidade dos primeiros imigrantes que chegaram ao Heimtal, porém através do livro de inumação do de seu cemitério (CTNP, 1931-1947), podemos mensurar a multipluralidade étnica da população. No livro de inumação, estão registradas cerca de dez nacionalidades estrangeiras, além dos jacentes brasileiros, como discutidos. O que sempre nos chamou a atenção, desde o início da pesquisa, é o fato de que estas múltiplas nacionalidades não aparecem nas fontes de cultura material, sendo evidente apenas o vínculo com a cultura alemã. Mais adiante levantaremos hipóteses a este respeito.

Para podermos compreender melhor a problemática levantada anteriormente, é necessário que compreendamos o conceito de etnia e etnicidade, que são fundamentais para esta pesquisa.

Desde o século XIX “a noção de etnia se encontra mesclada a outras noções conexas, as de povo, de raça e de nação (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.33)”, e por isso a importância de entender a utilização do termo,

até chegarmos na atualidade. Já o termo *etnicidade* apareceu pela primeira vez na literatura científica ainda na primeira metade do século XX: na Inglaterra as primeiras publicações são de 1940, sendo o termo utilizado para designar um grupo no qual não possuía 'origem nacional' (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.22); já na América, Warner (1945) entende “a etnicidade como uma das características que modificam o sistema social e são modificadas por ele” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.22). Para Weber (1971 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 37), as relações étnicas comunitárias se distinguem em:

[...] três entidades que são a raça, a etnia e a nação. O que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é “realmente” fundada na comunidade de origem, ao passo que o que funda o grupo étnico é a crença subjetiva na comunidade de origem. Quanto a nação, ela é, como o grupo étnico, baseada na crença da vida em comum, mas se distingue deste último pela paixão (pathos) ligada à reivindicação de um poderio político.

Segundo Weber, os grupos étnicos seriam alimentados pela crença em uma “comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração [...]” (WEBER, 1971, p. 416 apud POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 37). Essa construção de uma memória histórica em comum pode ter ocorrido no Heimtal, sobretudo com as primeiras famílias a chegar ao local. Para Poutignat e Streiff-fenart, “a memória histórica sobre a qual um grupo baseia sua identidade presente pode nutrir-se de lembranças de um passado prestigioso ou [...] do sofrimento compartilhado” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.165).

Vale neste ponto relembrar as condições precárias em que viviam os primeiros moradores do Heimtal, convivendo diariamente com doenças e com a falta de saneamento básico que fizeram com que o índice de mortalidade infantil se elevasse. Segundo Almeida (1995), “os primeiros moradores de Londrina, e também do Heimtal, chegaram à região e tiveram que ficar hospedados em ranchos coletivos próximos a suas propriedades, construídos pela própria CTNP, até que conseguissem derrubar a mata, serrar a madeira e construir suas próprias casas em seus lotes de terra (ALMEIDA, 1995, p.100). Deste modo, este período teria sido crucial para forjar a identidade destes primeiros moradores, nutrindo-a com estas lembranças de um sofrimento em comum” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998,

p.165). Entretanto este não seria o único fator a forjar a identidade a origem em comum entre estes imigrantes. Trabalharemos mais hipóteses mais adiante.

Para Barth, o conceito de etnicidade é muito mais complexo do que apenas resigná-lo a comunidade com origens comuns, seja esta origem real ou imaginada. A etnicidade é uma “forma de organização social”, que classifica a sociedade baseando-se nas supostas origens em comum, e na interação social ativada através de signos, sendo estes eleitos pela própria comunidade étnica ou atribuídos a eles (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.141).

O conceito de etnicidade está atrelado a definições endógenas e exógenas sobre os signos culturais de determinada população, sendo a forma com que os atores sociais “identificam-se e são identificados pelos outros na base da dicotomização Nós/Eles [...]” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.141). Ou seja, essas definições estão atreladas aos atores participantes dos grupos étnicos (definição endógena), e aos atores externos aos grupos étnicos (definição exógena). A pertença a um grupo étnico é também uma construção social, que surge da relação “dialética entre as definições exógenas e endógenas da pertença étnica que transforma a etnicidade em um processo dinâmico sempre sujeito à redefinição e à recomposição” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.142).

Para Barth (1998), a utilização do conceito de etnicidade nos permite levantar no mínimo quatro problemáticas acerca do objeto de estudo. O primeiro problema seria a categorização pelo qual os atores sociais são identificados como pertencentes de determinado grupo étnico, lembrando que esta identificação é endógena e exógena. Após esta categorização e a diferenciação dos atores pertencentes a grupos étnicos e dos atores que não pertencem a ele, é que são construídas e elaboradas as fronteiras étnicas. Estas fronteiras são então a base para esta “dicotomização” entre os pertencentes e os não pertencentes ao grupo étnico, ou seja, “dicotomização Nós/Eles” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.141).

A terceira problemática possível a ser levantada a partir do conceito de etnicidade diz respeito à “fixação dos símbolos identitários” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.142) que são legitimadores da crença em uma origem em comum. Esta problemática diz respeito aos processos onde os traços étnicos e culturais “são realçados na interação social” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.142).

Segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fernart (1998) na dialética que ocorre entre as definições exógenas e endógenas sempre há um dominante, um lado que vence este jogo dialético. Para demonstrar como este jogo ocorre, dão o exemplo de imigrantes oriundos de países asiáticos que chegaram nos Estados Unidos durante a década de 70. Estes imigrantes são de nacionalidades e culturas distintas, como coreanos, japoneses, chineses, entretanto ao chegar em um novo local (nos Estados Unidos, neste caso) eles não têm suas identidades étnicas compreendidas dentro de suas especificidades e diferenças. Ali eles são lidos apenas como asiáticos ou orientais, desprezando suas nacionalidades e culturas específicas. É construída sobre estes imigrantes uma “identidade globalizante”, que sufoca suas identidades particulares. Neste caso a definição exógena é imposta sobre as identidades étnicas destes imigrantes. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, p.146, 1998)

No caso do Heimtal este fenômeno também ocorre, porém toma características distintas. Ao chegar à região norte do Paraná, os imigrantes que vieram a povoar o Heimtal são compreendidos como “Alemães”, sendo realizada assim uma definição exógena, identificando-os de forma generalizante como sendo simplesmente alemães. Hoje, sabemos a partir do livro de inumação do cemitério (CTNP, 1931-1947), que estes imigrantes tinham outras identidades particulares, como tchecoslovaquios, russos, poloneses, entre outros, que foram deixadas de lado por esta identificação generalizante. Talvez esta identificação generalizante sobre suas origens não tenha sido realizada apenas no norte do Paraná, mas já estivesse sendo feita nas fazendas de café em São Paulo, ou em outros locais que estes imigrantes ocuparam logo após sua chegada ao país.

Esta hipótese da construção de uma identidade generalizante para os imigrantes do Heimtal complementa as quatro problemáticas sugeridas por Barth: a divisão categorial entre os pertencentes ao grupo étnico alemão/germânico e os não pertencentes pode ser compreendida dentro desta dialética exógena e endógena, sendo que após serem caracterizados como alemães exogenamente, eles apropriaram esta identidade e construíram suas próprias fronteiras, contribuindo para a dicotomização de sua cultura em relação aos não pertencentes ao grupo étnico, valendo-se de símbolos identitários como a língua e a religião. Tais símbolos identitários eram utilizados nas relações sociais para reforçar essa dicotomização, além de se diferirem socialmente. Desta maneira, constituem-se os grupos étnicos,

que “são categorias de atribuição e identificação realizadas pelos próprios atores e, assim, tem a característica de organizar a interação entre as pessoas” (BARTH, 1998, p.189).

Segundo a antropologia, os grupos étnicos seriam um grupo social que:

- 1.perpetua-se biologicamente de modo amplo,
- 2.compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
- 3.constitui um campo de comunicação e de interação,
- 4.possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (BARTH, 1998, p. 189 e 190)

Porém, devemos levar em consideração outros fatores etnográficos ao realizar a análise destes grupos, pois apenas estas formulações nos impedem de compreender os grupos étnicos como fenômeno social que possui seu lugar na cultura. Os grupos étnicos podem ser compreendidos como suportes culturais, porém há sempre uma seleção intencional ou não dos traços culturais que serão tomados como característica específica de sua cultura (BARTH, 1998).

Voltando a pensar na interação e na dicotomização existente entre um grupo étnico e outro, conseguimos perceber que suas identidades são utilizadas para criar categorizações sociais, ou seja, são usadas para organizar a sociedade. Os atores sociais são responsáveis por escolher os traços culturais que serão usados para essa dicotomização, como por exemplo, língua e religião. Porém neste processo de seleção, alguns traços culturais são ignorados ou minimizados, enquanto ocorrem empréstimos de outros. São a partir destas definições realizadas pelos atores sociais, que as fronteiras étnicas são traçadas, dando ênfase sempre nas diferenças entre os pertencentes ao grupo étnico e os não pertencentes.

No Heimtal havia esta diferenciação entre alemães e não alemães: como os alemães chegaram primeiro, começaram a construir suas fronteiras étnicas e a tentar reproduzir no novo local seus elementos culturais e seus espaços de sociabilidade, como a escola, que além de ser local reservado a educação das crianças, era onde ocorriam as reuniões religiosas (luteranas e católicas). Com a chegada dos imigrantes italianos na década de 40⁸, ocorre uma transformação neste

⁸ Segundo Almeida (1995), a partir da segunda metade da década de 30 o fluxo migratório começou a se modificar, porém foi a partir de 1944 que a imigração de paulistas, mineiros e italianos se intensificou.

cenário e é providenciada a construção de duas capelas, uma luterana e outra católica. Não sabemos se foram os alemães que não se sentiram à vontade com a presença italiana em seu espaço, ou se os italianos que incentivaram a construção do templo católico. Após a ereção das duas capelas, os cultos religiosos deixaram de ser realizados na escola, e os alemães católicos passaram a conviver com os italianos católicos nos encontros religiosos (ALMEIDA, 1995).

Entretanto, segundo Almeida (1995), até dentro da própria igreja católica havia uma hierarquia a ser respeitada, e os alemães sempre lideravam e gozavam de privilégios, e os italianos nunca puderam ocupar “o comando das atividades da igreja” (ALMEIDA, 1995, p.153), devendo respeitar a hierarquia social já estabelecida no Heimtal antes de sua chegada. Essa era uma estratégia adotada pelos alemães, e “evitava conflitos mais sérios, decorrentes de padrões culturais diferentes, e que poderiam colocar em risco a continuidade da vida social do local” (ALMEIDA, 1995, p.153).

Segundo Barth (1998), as dicotomizações étnicas podem ocorrer em duas ordens:

1. sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida; e 2. orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas (BARTH, 1998, p. 194).

Para que os elementos culturais étnicos continuem a fazer seu papel dicotomizador, é necessário que seja realizada a manutenção destes elementos, caso contrário esses traços culturais se dissolvem e deixam de serem elementos de pertença para os atores deste grupo.

Sobre as fronteiras étnicas: “as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. Mas acarretam processos sociais de exclusão e de incorporação pelo quais categorias discretas são mantidas [...]” (BARTH, 1998, p. 188).

As fronteiras étnicas são modos de divisão social, que organizam a sociedade de acordo com sua origem, e agrupam aqueles que possuem uma suposta origem comum. São construídas baseadas na dicotomização cultural entre

dois ou mais grupos, reforçando essa diferença entre eles. Barth (1998) ressalta que esta dicotomização deve ser realizada apenas dando ênfase nos aspectos culturais, pois se a realizarmos utilizando características morfológicas ou concernentes a etnia seremos preconceituosos.

Após a construção da fronteira étnica por determinado grupo, ela passa a ter o papel de canalizar:

[...] a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais. A identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. (BARTH, 1998, p. 196)

Para que tais fronteiras sejam mantidas, é preciso que as “unidades e os limites culturais” (BARTH, 1998, p. 196) persistam. Mesmo interagindo com outras pessoas de fora desta fronteira, as estruturas da organização social e os comportamentos devem ser mantidos dentro da fronteira. Caso contrário, as fronteiras étnicas perdem sua clareza e estas culturas étnicas se diluem, formando culturas híbridas e posteriormente nem conseguindo mais se diferenciar.

Quando os imigrantes europeus chegaram ao Heimtal são identificados de forma globalizante como Alemães, ignorando outras características específicas de cada família, ou da região que cada um originava. A partir do momento que estes próprios imigrantes começam a se enxergar como um grupo que possui características comuns, enquanto grupo uno, mesmo possuindo especificidades, constroem uma fronteira étnica entre “Nós” e “Eles”. A partir desta dicotomização, é construída a organização social do Heimtal. Londrina e a região norte do Paraná receberam intensa imigração estrangeira, de nacionalidades e culturas muito distintas. Deste modo, as fronteiras estabelecidas pelos diversos grupos étnicos são fluidas e mutáveis, podendo se transformar mediante o contato com novas culturas ou por conta da dinâmica social.

Nos primeiros anos de ocupação do Heimtal, por exemplo, a língua alemã era utilizada livremente, tanto nas relações sociais, como em ritos religiosos e na escola. Entretanto, com a chegada de imigrantes que não partilhavam da mesma língua, o alemão passou a ser também um fator de dicotomização entre eles.

Segundo Barth, “quando um grupo étnico controla os meios de produção utilizados por outro grupo, prevalece uma relação de desigualdade e

estratificação” (BARTH, 1998, p. 21). Acreditamos que no Heimtal havia também esta estratificação social, principalmente com relação a família Strass, que por ser considerada “pioneira” desfrutava de importante posição de liderança, principalmente nas primeiras décadas de ocupação. Carlos Strass não só participou da escolha da CTNP com relação ao local onde seria construído o Heimtal, como foi agente de terras da CTNP por muitos anos, sendo o responsável pela venda de lotes de terra na região. Qualquer novo morador adentrava ao espaço social do Heimtal sabendo da importância da família Strass e da cultura alemã. Já compreendiam no momento da compra da terra o funcionamento da dinâmica social a qual passariam a integrar, e qual seria seu lugar.

Como funcionário da CTNP, Carlos Strass ocupava o lugar de liderança no Heimtal, sendo seu representante no local. Além da venda de terras, era responsável pela administração cemiterial, realizando os registros de falecimentos e inumações. Era também da família Strass a única mercearia do Heimtal, onde realizavam as vendas aceitando o pagamento após a colheita, sendo também uma espécie de credores. Além disso, eram donos de maquinário agrícola utilizado para o plantio e colheita, alugando-o para as famílias que não tinham condição de ter o próprio maquinário (ALMEIDA, 1995).

Na década de 70, após a crise da cafeicultura, as atividades agrícolas da região foram reordenadas: culturas como a soja e o trigo se mostraram mais atrativas, o maquinário utilizado para o plantio e a colheita se modernizou, e a utilização de mão de obra diminuiu, intensificando o êxodo rural. A agricultura no Heimtal era formada basicamente por propriedades de pequeno porte que não conseguiram se adaptar à nova dinâmica rural. (ALMEIDA, 1995). Foi neste período que muitos moradores venderam suas terras e foram morar na cidade, abandonando a vida do pequeno patrimônio rural.

Como muitas famílias de origem alemã foram embora, e com a chegada de outras tantas, o Heimtal se transformou e deixou de manter de forma organizada e sistemática suas tradições e cultura germânica. A língua alemã já não era falada, as tradições e costumes deixaram de serem praticados, e o sentimento de unidade que antes era atribuído à origem comum dos moradores se enfraqueceu (HALL, 2006). Estas transformações na realidade social do Heimtal contribuíram para o abandono da manutenção das fronteiras étnicas que antes existiam ali (BARTH, 1998, p. 211).

A morte de Carlos Strass, em 1982, também é um ponto importante para refletirmos sobre o abandono da manutenção destas fronteiras étnicas, pois de certa forma ele possuía um poder aglutinador nesta comunidade germânica, e a sua ausência pode ter contribuído ainda mais neste processo de desestruturação das fronteiras étnicas.

Inicialmente o Heimtal foi pensado para ser uma colônia étnica germânica, e de fato foi em um curto período de tempo. Os imigrantes de algumas outras nacionalidades, como russos, tchecos, iugoslavos, austríacos, que partilhavam de algum elemento cultural com os alemães, se reorganizaram cultural e socialmente a partir destes elementos em comum, ocorrendo assim uma germanização. Posteriormente, a introdução de imigrantes de outras etnias no Heimtal, possuindo culturas totalmente distintas dos germânicos, iniciou um processo de dicotomização, ou seja, de diferenciação entre eles. Neste processo dicotomizador, ocorre a princípio uma reafirmação da cultura germânica (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p.141), porém posteriormente as relações sociais se transformam, e as fronteiras étnicas se tornaram cada vez mais fluidas.

3 MORADA DOS MORTOS: A MORTE ENQUANTO OBJETO DE ESTUDO

Este capítulo tem como objetivo delimitar nosso objeto de estudo, e apresentar detalhadamente as fontes utilizadas e a metodologia empregada nas análises, contextualizá-las, além de inserir a discussão na historiografia local.

Abandonar seu país de origem, se aventurar em novas terras, submeter-se a uma nova cultura e tentar se adaptar a uma nova sociedade, são algumas das dificuldades enfrentadas por estes imigrantes que chegaram em Londrina e região durante a primeira metade do século XX. É por isso que os túmulos destes imigrantes carregam signos e indícios das inúmeras transformações culturais ocorridas desde a sua chegada ao Novo Mundo⁹. No caso dos japoneses e alemães, por exemplo, os túmulos são suporte material para reafirmação da identidade do defunto, e podem indicar formas de negociação:

[...] da identidade religiosa próprias das minorias étnicas num país ideologicamente católico, [...] que sofreram as consequências do discurso e práticas de cunho racista. Dessa forma, a própria conversão, [...] possuía sentidos políticos ligados ao ser imigrante ou descendente, num país no qual suas identidades eram em parte rejeitadas pelas autoridades políticas e intelectuais. (ANDRÉ, 2011, p.125)

Os jazigos são analisados tendo como pressuposto que são materiais concebidos “por intermédio de um investimento social de significação, utilizado como determinados fins, embora possam ser multiplicados historicamente” (ANDRÉ, 2011, p. 116). A sepultura possui duas funções primordiais: “por um lado venera a memória do finado; por outro, ostentar algo aos viventes, seja riqueza, propriedade ou poder, como se percebe nos jazigos monumentais existentes, por exemplo, no cemitério da consolação em São Paulo” (ANDRÉ, 2011, p.117).

O cemitério do Heimtal conta com cerca de 261 túmulos¹⁰, possuindo sepultamentos do início da década de 1930 à 2019. Ele possui como característica principal, a existência de túmulos com inscrições em alemão, entretanto não é um cemitério especificamente étnico, pois possui entre seus

⁹ Não só no caso de (re)imigrantes que os túmulos assumem o papel de reafirmador de identidades, pois os filhos destes (re)imigrantes também assumem as características culturais dos pais.

¹⁰ O número de sepulturas não é exato, pois durante a pesquisa foram construídos novos jazigos no local.

jacentes: russos, alemães, tchecos, iugoslavos, austríacos, italianos e brasileiros (INVENTÁRIO URBANO-PAISAGÍSTICO, 2005).

Visivelmente o cemitério possui uma divisão informal entre a área mais antiga, com sepulturas da primeira metade do século passado, e a área mais recente, com sepulturas realizadas nos últimos anos. Porém, oficialmente ele conta com 5 quadras, sendo a quinta quadra a mais recente, com sepulturas já do século XXI.

Uma das características da necrópole, era a sua utilização exclusiva pelos moradores do pequeno patrimônio rural. Porém seu uso acabou passando por transformações recentes, e atualmente está recebendo novos sepultamentos de pessoas externas à comunidade. Isto ocorre por conta da lotação do cemitério Jardim da Saudade, que além de ser um cemitério de grande importância na cidade, é o mais próximo geograficamente do Heimtal.

O cemitério Jardim da Saudade localiza-se na principal avenida da região norte de Londrina, a Avenida Saul Elkind. Ele “foi construído em 1984, no bojo do desenvolvimento da região norte da cidade de Londrina e do surgimento dos primeiros conjuntos habitacionais naquela região” (SILVA, 2014, p.103). Seu crescimento pode ser analisado juntamente com o crescimento desta região na cidade, que a partir da década de 80 passou por um aumento demográfico vertiginoso, atendendo assim a demanda populacional da região.

A mecanização do campo e a substituição dos trabalhadores rurais por maquinário agrícola “fez com que milhares de pessoas provenientes do campo ficassem desempregadas” (OLIVEIRA, 2006, p. 28) e buscassem melhores oportunidades na área urbana. Com o êxodo rural, surgiu o problema da habitação e a necessidade de políticas públicas para minimizar os efeitos deste problema social. Em âmbito nacional foi criado o Banco Nacional de Habitação, em 1964, e em Londrina foi criado o Fundo Municipal de Assistência para a Casa Própria e posteriormente da COHAB/Londrina, ainda na década de 1960. Foi então promovida na cidade a construção de conjuntos habitacionais destinados a população com baixa renda, sendo escolhida para tal empreendimento a região norte da cidade, pois os preços dos terrenos eram mais baixos (OLIVEIRA, 2006).

A princípio foram construídos cinco conjuntos habitacionais na região norte de Londrina durante a década de 70, que ficaram conhecidos como

“cinco conjuntos”¹¹. A partir do estabelecimento de conjuntos habitacionais na região norte da cidade, ocorreu um rápido crescimento populacional na região próxima ao Heimtal. Segundo Oliveira, “a união do Heimtal com os bairros citadinos o transforma completamente, deixando para trás suas características rurais para obter caráter urbano” (OLIVEIRA, 2006, p.57).

A partir de sua integração com os conjuntos habitacionais de Londrina, e da reordenação das relações de trabalho no campo, o Heimtal perdeu suas funções planejadas inicialmente pela CTNP, e passou por um momento de:

redefinição tanto do seu espaço físico e geográfico, com a construção de novas casas, igrejas, surgimento de pequenas indústrias, bares, etc., quanto das suas relações interativas, com a intensificação dos contatos com a cidade, a proximidade dos conjuntos habitacionais e a presença de uma população recém-chegada composta, principalmente, por trabalhadores urbanos. A cidade, para muitos habitantes do patrimônio, não é mais um lugar de passagem, onde se vende e se compra, mas se transforma no local de trabalho e estudo (ALMEIDA, 1995, p. 200).

O cemitério Jardim da Saudade e o Heimtal são muito próximos, devido a conurbação com os conjuntos habitacionais já mencionados anteriormente, cerca de 2 quilômetros de distância apenas. O Jardim da Saudade ocupa destaque nos sepultamentos da região norte de Londrina e possui maior visibilidade, se comparado a necrópole do Heimtal, pois o cemitério do Heimtal sempre esteve à margem, uma vez que seus sepultamentos se restringiam aos moradores do pequeno núcleo rural.

Mesmo sendo o maior cemitério da cidade, o Jardim da Saudade está passando por um momento delicado, pois dispõe de poucas sepulturas disponíveis. Na realidade, não é apenas o Jardim da Saudade que sofre com a superlotação. Recentemente, foi divulgada a construção de um novo cemitério público em Londrina, no prolongamento da Avenida Saul Elkind, para solucionar o problema de falta de túmulos (ACESF, 2016). Segundo nota emitida pela ACESF (administração de cemitérios e serviços funerários de Londrina), “trata-se de uma demanda antiga de Londrina, pois desde 2002 os gestores do órgão já apontavam a necessidade de aquisição de uma nova área destinada para a construção de um

¹¹ Os “cinco conjuntos” são formados pelos respectivos conjuntos habitacionais: Ruy V. Carnascialy, Milton Gavetti, Parigot de Souza I e II, João Paz e Semiramis B. Braga (OLIVEIRA, 2006).

cemitério” (ACESF, 2016). Enquanto o novo local não fica pronto, e “para atender a demanda de sepultamentos na cidade [...], a ACESF pretende aumentar o número de túmulos nos cemitérios João XXIII [...] e no Padre Anchieta” (ACESF, 2016). Acreditamos que por conta da distância dos cemitérios mencionados, algumas pessoas têm preferido sepultar seus familiares no Heimtal, que possui jazigos mais baratos e pela localização geográfica.

Ser enterrado no cemitério Jardim da Saudade possivelmente confere ao defunto um status maior do que o sepultamento no Heimtal. Além de que o Jardim da Saudade conta com quatro capelas para celebração e velórios, cozinha, banheiros; enquanto no Heimtal existe uma estrutura precária. Estamos chamando a atenção para estes detalhes, e comparando as duas necrópoles apenas para ressaltar que ser sepultado no Heimtal até então, provavelmente não era um desejo de pessoas externas à comunidade.

3.1 AS FONTES

Inicialmente foi delimitado nesta pesquisa que o cemitério do Heimtal seria o objeto desta pesquisa, e que sua análise seria realizada com o auxílio de outras fontes. Entretanto, com o desenvolvimento da pesquisa o objeto acabou se tornando também a fonte, pois “a cultura material é, por excelência, matriz e mediadora das relações” (REDE, 1996).

Após o levantamento e sistematização das fontes, foi constatada uma enorme lacuna a ser preenchida. Temos a nossa disposição o cemitério, com suas lápides incrustadas de memória alemã e carregadas de simbolismo, e o Livro de Inumação (CTNP, 1931-1947) onde eram registrados os sepultamentos. Atualmente o livro de inumação faz parte do acervo do Museu Histórico de Londrina. Nele encontramos informações importantíssimas a esta pesquisa, como a data da inumação, nome do jacente, nacionalidade, filiação e até a causa da morte. Tivemos acesso ao primeiro livro de inumação do cemitério do Heimtal, no qual abrange o período desde o primeiro sepultamento ocorrido no ano de 1931, até o ano de 1947.

O livro de inumação é um importante documento durante o período, e nos ajuda na análise de algumas sepulturas, porém seu uso é limitado pois suas informações nem sempre condizem com a atual realidade do cemitério. Constam registrados no livro de inumação 195 sepultamentos entre 1931 e 1947, entretanto,

foram localizados no cemitério apenas dezenove túmulos que estão compreendidos durante esse período e estão registrados no livro de inumação. Também existem pelo menos outros cinco túmulos compreendidos dentro desse período, mas que não constam registrados no livro de inumação.

Porém acreditamos que a maior dificuldade em cruzar as duas documentações, é a incompatibilidade dos números das sepulturas. Ora, se a numeração das sepulturas coincidissem com os registros do livro de inumação, seria fácil, por exemplo, identificar quem está enterrado nas sepulturas abandonadas ou sem identificação. Porém não é assim tão simples. Em 1948 a administração do cemitério deixou e passou a ser realizada pela Prefeitura de Londrina, e possivelmente foi realizada uma nova organização cemiterial, de acordo com novos critérios a qual desconhecemos (ALMEIDA, 1995, p. 102).

Não podemos afirmar que este primeiro sepultamento no ano de 1931 foi o primeiro falecimento entre os moradores do Heimtal, e provavelmente não foi, pois segundo Almeida (1995, p. 104) antes da existência de um cemitério no Heimtal, os sepultamentos eram realizados em outro local.

No início da ocupação pela colonizadora inglesa, a região ocupada pela CTNP ainda não possuía nenhum local destinado ao enterro de seus mortos. Londrina ainda não era um município, e “pertencia administrativamente a Jathay, cidade localizada na fronteira do território adquirido pela colonizadora, mais precisamente nas barrancas do rio Tibagi” (ALMEIDA, 1995, p. 104). Por pertencer a Jathay e não possuir ainda nenhum cemitério, todos os sepultamentos eram efetuados lá, “entretanto, a locomoção dos agricultores do Heimtal era muito difícil, devido a precariedade dos caminhos de acesso e à longa distância que separava as duas localidades” (ALMEIDA, 1995, p. 104).

Segundo relatos dos moradores mais antigos, que habitam a região desde 1930, existiam poucas estradas, e estas estavam em condições precárias. Muitas vezes era preciso até mesmo passar por entre a mata, para poder chegar ao seu destino. Por conta da “precariedade dos caminhos”, era possível realizar estes percursos apenas a cavalo.

a comunicação e os passeios eram feitos só a cavalo. Não dava pra ser diferente. Todos tinham cavalos (...). Para ir de um sítio para outro eram aquelas picadas entre as matas (...). Não tinha outro meio (...). Para Londrina, no início, muitos iam a pé. Depois quem conseguiu comprar, podia ir de carroça (...). Mas foi só mais tarde, quando a estrada ficou melhor. (CANTAGALLI, Júlia Brummer apud ALMEIDA, 1995, p. 104)

Por conta de todas estas dificuldades de locomoção, a viagem até Jathay para realizar os sepultamentos se tornava um sofrimento extra as famílias enlutadas. Estes fatores motivaram a CTNP a realizar a construção de um cemitério no próprio patrimônio do Heimtal, em 1931. Posteriormente foi iniciado um cemitério no perímetro urbano de Londrina no ano de 1932, o cemitério São Pedro, localizado na área central da cidade.

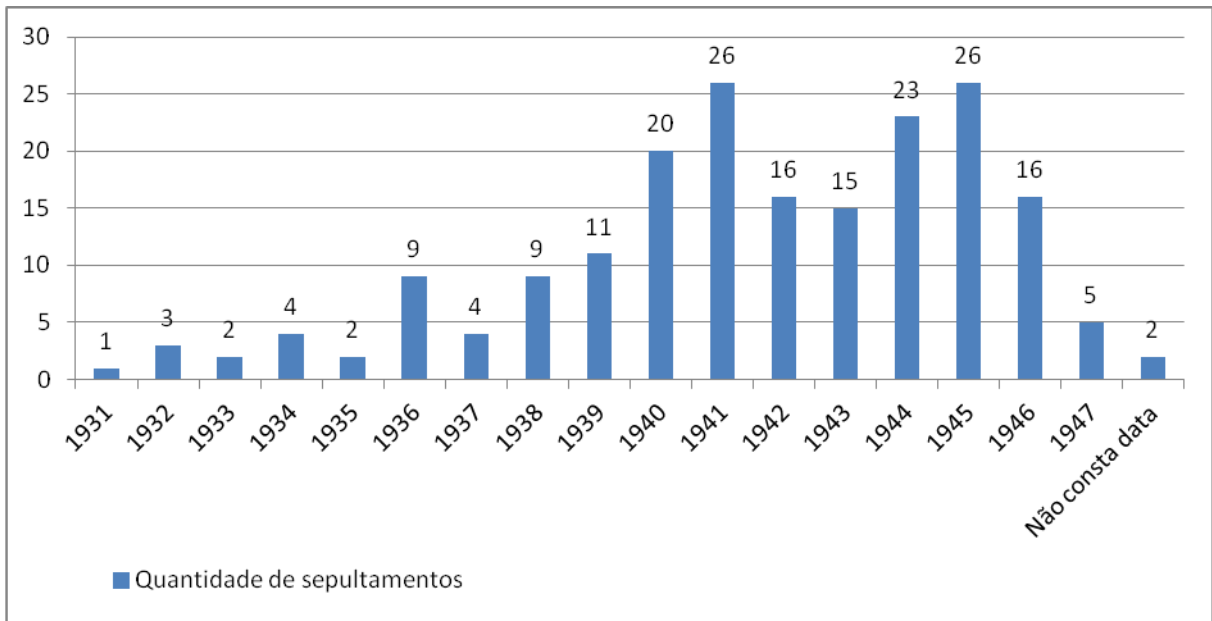
Quem controlava os registros dos óbitos no livro de Inumação, era o próprio Carlos João Strass. Ele realizou esse controle até o ano de 1947, pois a partir de 1948 quem passou a efetuar este controle foi a prefeitura de Londrina. Como já mencionado anteriormente, Strass teve papel fundamental na formação do Heimtal, pois era funcionário da CTNP e quem vendia os lotes de terra para os imigrantes. Como era o representante da CTNP no local, ocupava o papel de liderança, sendo responsável por intermediar a relação entre os moradores e a Companhia.

De acordo com os registros de óbito contidos no Livro de Inumação (CTNP, 1931-1947), conseguimos saber a quantidade de falecimentos em cada ano, acompanhando assim o aumento populacional e também o aumento da mortalidade. Gostaríamos de evidenciar novamente que os registros do Livro de Inumação abrangem apenas um pequeno recorte dos sepultamentos no Heimtal, do período de 1931 a 1947, e que ao comparar seus registros com a fonte cemiterial nos deparamos com inúmeras lacunas, como a ausência de inúmeras sepulturas e até mesmo a existência de sepulturas, dentro deste mesmo período, que não constam nos registros.

Estas diferenças entre o registro escrito e o registro material se dão por três fatores: O primeiro é que o processo de formalização dos registros dos óbitos é posterior às práticas, dando margem para a existência de alguns “desajustes” nos registros; o segundo fator está relacionado à mudança na administração do cemitério, pois quando passou a ser administrado pela prefeitura

de Londrina as sepulturas foram renumeradas e categorizadas de tal maneira que não respeitou os registros já existentes; e o terceiro fator se dá por conta da venda de sepulturas antigas, o remanejamento dos restos mortais para novos locais, e a inexistência de registros com tais informações¹².

Gráfico 1 - Quantidade de sepultamentos



Fonte: Livro de Inumação, CTNP, 1931-1947.

Neste recorte cronológico no qual o Livro de Inumação abrange, foram realizados 194 sepultamentos. Dentre estes, percebemos que houve um aumento significativo de mortes na década de 40, ocasionado por três fatores principais: aumento populacional, falta de saneamento e ausência de assistência médica adequada.

Como dito, inicialmente as famílias eram alojadas em ranchos coletivos, passando juntos por várias necessidades. Mesmo após cada família se acomodar em seu próprio rancho, as condições continuaram ruins, enfrentando também escassez de alimentos e contaminação através da água dos rios próximos (ALMEIDA, 1995). Esse aumento constante da mortalidade também foi um dos fatores que contribuiu para que a CTNP providenciasse a construção de cemitérios na região.

¹² A ACESF não disponibilizou informações sobre o remanejamento de restos mortais ou sobre possíveis comercializações de sepulturas no cemitério do Heimtal.

Entretanto, este elevado número de mortes, principalmente infantil, não ocorreu apenas no Heimtal, e segundo Ivano (2002), já ocorria grande índice de mortalidade na região antes mesmo da chegada da CTNP. Em 1916, médicos do Instituto Manguinhos visitaram o Norte no Paraná e elaboraram um relatório onde já se constatava a enorme quantidade de vítimas de malária na região. Segundo eles, a malária devastou a região norte do Paraná, porém por conta da:

[...] absoluta falta de estatística demográfica, mesmo a inexistência do registro de óbito e nascimento em muitos districtos e nos sertões do norte, não nos permitiram formar um quadro numérico, ainda que aproximado, da letalidade verificada em cada anno de grande epidemia. Temos convicção, porém, que 90% dos óbitos havidos naquela região, entre os anos de 1910 e 1917 foram devido ao impaludismo agudo ao às suas consequências. La os regionaes infectam-se de impaludismo ao nascer, vivem toda a sua vida soffrendo de impaludismo e morrem em consequência dessa infecção. (ARAUJO, 1919, p. 272 apud IVANO, 2002, p. 61).

Os imigrantes Alemães assim como os imigrantes de outras nacionalidades, ao comprarem seus lotes de terra, apropriaram-se também da imagem de “terra de promessa” vendida e divulgada pela CTNP. “Essa imagem foi construída com base na fertilidade da terra, no clima favorável à agricultura, [...] na existência de vias de comunicação com o Estado de São Paulo, entre outros aspectos” (ALMEIDA, 1995, p. 101). Porém, não tinham conhecimento, por exemplo, das doenças que assolavam a região, ou das péssimas condições de saneamento. Certamente a CTNP omitiu estas informações para não arruinar o seu projeto colonizador. Entretanto, a mesma não oferecia à assistência médica necessária a população, refletindo assim em um elevado índice de mortalidade, principalmente infantil.

Márcia Siqueira de Carvalho (2007) também concorda que houve omissão por parte da CTNP em informar aos compradores sobre as condições sanitárias da região, pois segundo ela:

[...] a propaganda de uma das colonizadoras (CTNP) sobre a fertilidade das terras destacava a ausência de saúvas. Entretanto, há uma total ausência das condições sobre a (in) salubridade para os possíveis interessados. Tal fato atrapalharia bastante os negócios na venda de lotes aos estrangeiros e aos nacionais (CARVALHO, 2007).

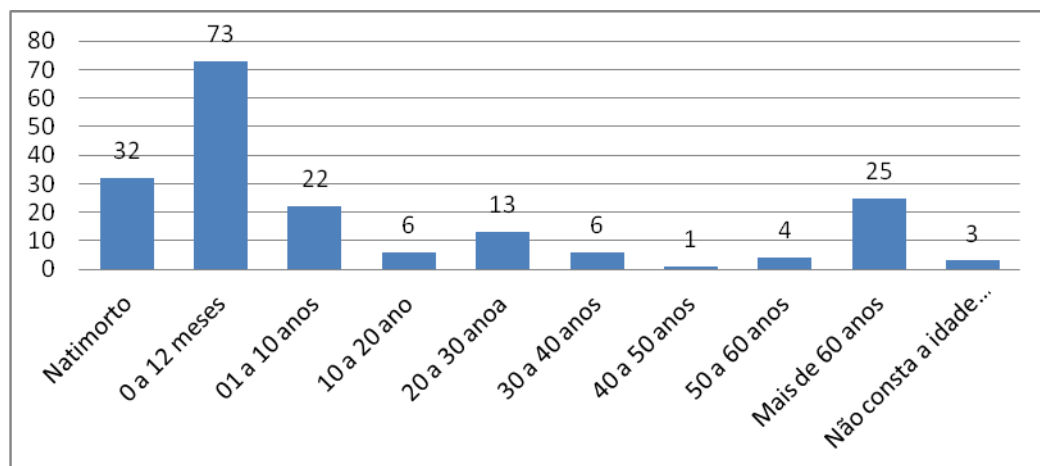
Sobre a precariedade do saneamento e sobre a contaminação pela água dos rios da região, Carvalho nos chama a atenção que as propostas da CTNP:

[...] não havia incluído um sistema de saneamento urbano, além das propostas que se restringiram ao saneamento dos rios. Mortes por diarreias e disenterias, além da nebulosa denominação de toxicose, não podem ser somente atribuídas ao consumo de alimentos contaminados devido ao fator cultural de preparo e técnicas de manipulação dos alimentos. Mas torna-se compreensível a sua alta incidência se considerarmos o consumo de água inadequada. (CARVALHO, 2007, p. 92)

A dura realidade era muito diferente das informações propagadas pela CTNP. Em 1941 foi publicado pela Companhia um folheto de propaganda com o seguinte título: “Sinta a alegria de viver e prospere no norte do Paraná”. Além do sugestivo título, o folheto ainda traz uma fotografia da cidade, exaltando seu desenvolvimento, e elenca as quatro principais vantagens de se morar na região. São elas: “1ª Títulos de domínio absolutamente seguros; 2ª Fertilidade e salubridade; 3ª Estrada de ferro e boas estradas de rodagem; e 4ª Água de pureza invulgar (Folheto *O norte do Paraná*, 1941, CTNP)”. Com base em todos os dados e informações já apresentadas, sabemos que tais afirmações não eram condizentes com a realidade existente na região, principalmente o segundo e quarto item.

A respeito da mortalidade no Heimtal, observe o gráfico a seguir onde constam as faixas etárias entre os sepultados no cemitério do Heimtal, entre os anos de 1931 e 1947:

Gráfico 2 - Faixa etária dos sepultados, entre 1931 e 1947

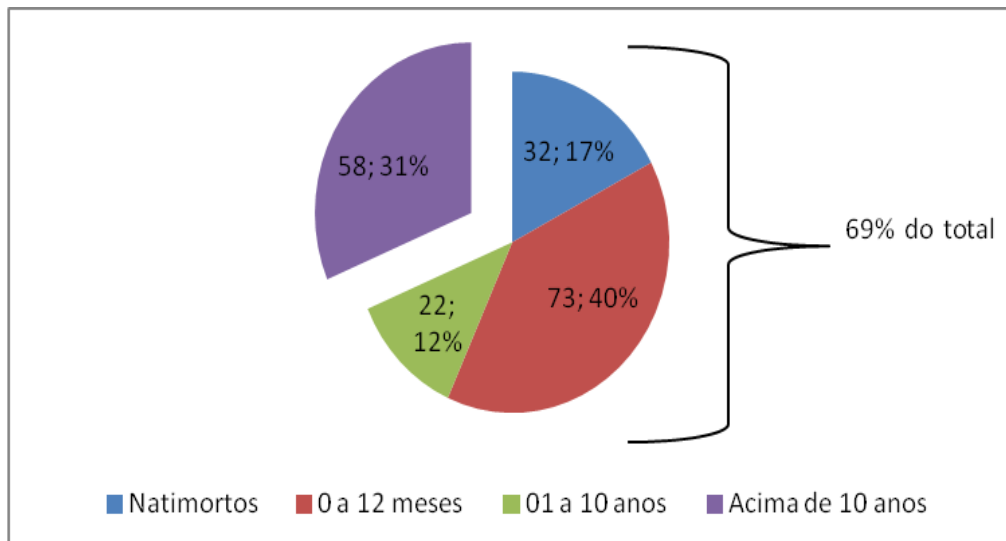


Fonte: Livro de Inumação, CTNP, 1931-1947.

Observando estes dados, podemos constatar que neste período a idade com maior mortalidade no Heimtal é o primeiro ano de vida, onde temos cerca de 39% do total de mortes. O número de natimortos também se destaca, ocupando 17% do total das mortes, seguido dos sepultados entre o primeiro e o décimo ano de vida, que chegam a 12% do total de mortes no período estudado.

Se levarmos em consideração os falecidos entre 0 e 10 anos de idade (considerando também os natimortos), perceberemos que majoritariamente os sepultamentos ocorridos no Heimtal nas primeiras décadas de ocupação são crianças. Observe o gráfico abaixo, que exemplifica melhor estas informações:

Gráfico 3 – Mortalidade infantil



Fonte: Livro de Inumação, CTNP, 1931-1947.

Constatamos assim que maior parte dos sepultados no Heimtal, cerca de 69%, eram de crianças de até 10 anos de idade, e que apenas 31% possuíam mais de 10 anos de idade, incluindo os idosos. A mortalidade infantil não ocorreu apenas neste local isolado, mas sim em toda a região, devido principalmente as epidemias, a falta de saneamento e de assistência médica. Márcia Siqueira de Carvalho (2007) realizou um estudo sobre a mortalidade em Londrina entre os anos de 1932 e 1943 utilizando como fonte o Livro de Inumação do cemitério São Pedro. Segundo ela “a falta de saneamento eficaz e o controle insuficiente de vetores foram os responsáveis pela precariedade da saúde dos imigrantes” (CARVALHO, 2007, p.83).

As faixas etárias dos óbitos ocorridos em Londrina, segundo as informações levantadas por Carvalho no livro de inumação do cemitério São Pedro, são muito parecidas com as faixas etárias do Heimtal. Segundo ela, “os natimortos e as crianças que não completaram 10 anos somaram 67% dos 3000 mortos entre 1932 até abril de 1943” (CARVALHO, 2007, p. 91).

Márcia Carvalho também realizou um comparativo entre as causas das mortes ocorridas no Heimtal, Rolândia e Londrina. Ela elenca as causas mortis que constam nos registros de inumação destes três locais, porém selecionamos apenas as mortes sem assistência médica para destacar a diferença gritante existente principalmente entre o Heimtal e Rolândia:

Quadro 1 - Principais causas de mortes em Londrina, Heimtal e Rolândia.

Causas mortis	Heimtal 1931/1937		Rolândia 1936/1948		Londrina 1932/43	
	Número	%	Número	%	Número	%
Aparelho respiratório						
Anemia			19	1,1	21	1,4
Caquexia					28	1,9
Câncer			30	1,7		
Causas externas*			91	5,2	19	1,3
Coqueluche	3	1,5	0	0	27	1,8
Debilidade congênita			170	9,7	34	2,3
Derrame cerebral	2	1				
Epilepsia	2	1				
Febre amarela			1	0,1		
Gastrenterites/disenterias/toxicose	34	17,5	311	17,8	313	21,4
Impaludismo/malária	1	0,5	6	0,3	36	2,5
Infecto parasitárias						
Insuf. cardíaca/cardíaco	7	3,6	310	17,7	124	8,5
Meningite					24	1,6
Natimorto			285	16,3		
Natural	5	2,6				
Perinatal						
Outras **	0	0	34	1,9	21	1,4
Pneumonia	14	7,2	253	14,5	157	10,7
Sem assist. Médica/sem info	120	61,9	123	7	571	39
Tétano/gangrena	2	1	2	0,1	13	0,9
Tifo/peritonite			114	6,5	42	2,9
Tuberculose	4	2,1			34	2,3
TOTAL	194	100	1749	100	1464	100

Fonte: CARVALHO, 2007.

Podemos constatar que no Heimtal as mortes sem assistência técnica chegaram a quase 62% do total de mortes, em Londrina a 39%, enquanto em Rolândia essas mortes somam apenas 7%. Possivelmente esta enorme diferença das mortes sem assistência deva-se ao fato de que os imigrantes de Rolândia trouxeram capital, por se tratarem em sua maioria de pessoas letradas e como uma posição social melhor do que os grupos étnicos que chegaram ao Heimtal, que eram constituídos basicamente de famílias de origem rural, e que possuíam pouco dinheiro (ALMEIDA, 1995). A precariedade na instalação das primeiras famílias no Heimtal e a falta de recursos para um atendimento médico adequado justifica o elevado número de mortes sem assistência. Ao chegarem à região, os grupos étnicos eram expostos a situações que colocavam sua saúde em risco, pois:

[...] a proximidade entre a mata (e rios) e as lavouras plantadas, a residência ainda precária (quase ranchos) na área agrícola e casas feitas de tronco de palmeiras e de madeira na área urbana próximas das matas nas cidades nascentes impunham às famílias um ambiente hostil. As fontes alimentares inicialmente baseavam-se na oferta natural da mata, como o palmito e a caça. [...]
Apesar do ritmo de desmatamento pela implantação de lavouras, a proximidade das matas aos núcleos urbanos deve ser vista como pontos de contato entre os habitantes da cidade com vetores de doenças típicas de florestas (CARVALHO, 2007, p. 83-84).

O cemitério do Heimtal possui características de um cemitério de imigrantes, com apelo à exaltação da memória alemã. Entretanto, se observarmos a nacionalidade dos jacentes, perceberemos que os brasileiros são maioria, ao contrário do que se aparentava. A tabela abaixo apresenta a relação da nacionalidade e da faixa etária dos sepultados:

Quadro 2 – Nacionalidade e faixa etária dos sepultados

	NATIMORTO	DE 0 A 2 ANOS	DE 2 A 10 ANOS	DE 10 A 30 ANOS	DE 30 A 60 ANOS	MAIS DE 60 ANOS	NÃO CONSTA
ALEMANHA			1	1	6	3	1
AUSTRIA				1		2	1
BRASIL	32	88	6	12	2	6	1
HUNGRIA						3	
ITÁLIA					1	1	
IUGUSLAVIA				1	1	2	
POLONIA						1	
PRUSSIA				1			
ROMENIA						2	
RUSSIA				3	1	4	
TCHECOSLOVAQUIA						1	

Fonte: Livro de Inumação, CTNP, 1931-1947.

As informações dos gráficos anteriores também são esclarecedoras no que diz respeito a nacionalidade dos mortos sepultados no Heimtal, pois ao contrário do que se imaginava no início desta pesquisa, o cemitério possui mais brasileiros sepultados do que alemães. Entretanto, podemos levantar a hipótese de que grande parte destes jacentes de até 10 anos de idade sepultados no local eram filhos de pais alemães. Tal hipótese justificaria a grande quantidade de túmulos com referência a nacionalidade alemã ou germânica.

3.2 A MATERIALIDADE DOS TÚMULOS

Dentre os túmulos que tiveram mais de um sepultamento, quase que majoritariamente sofreram interferências arquitetônicas, e reformas. É possível observar isto através dos materiais empregados no revestimento, ou nos epitáfios e lápide destoante uns dos outros. Entretanto, esta característica demonstra que o culto aos mortos e o cuidado com a memória dos ancestrais ainda estão vivos.

O cemitério, além de sofrer com os agentes do tempo e da falta de conservação e manutenção por parte do município, sofre com furtos e vandalismo. Há inúmeros túmulos depredados, com peças quebradas, ou lápides faltando partes (como cruzes ou placas de metal com o nome dos falecidos). Apesar da falta de manutenção das sepulturas, o cemitério do Heimtal constitui um universo de objetos

que através de sua materialidade expressam a identidade dos grupos étnicos que ali se estabeleceram.

Para análise do cemitério e das sepulturas, foi estabelecido o recorte cronológico de 1931 à atualidade, abrangendo assim as inúmeras representações de germanidade através das lápides, as transformações ocorridas durante este período, e as práticas desenvolvidas na necrópole.

Dentre os túmulos selecionados, foi observado 5 tipos recorrentes: o primeiro tipo são túmulos pertencentes a famílias germânicas e com inscrições e textos em alemão. Frases como “*Hier ruht*” que significa “descansou aqui”¹³ ou “*Ruhe sanft*” que significa em alemão “descanse gentilmente”¹⁴ são recorrentes nas lápides. A segunda tipologia estabelecida são os túmulos com características judaicas, hipótese levantada através de simbologia religiosa. A terceira tipologia são túmulos que apresentam características arquitetônicas relevantes, sobrenomes germânicos, porém sem inscrições em língua alemã. O quarto tipo são os túmulos que não apresentam nenhum traço aparente de ascendência germânica, seja pela arquitetura tumular ou pela falta de inscrições e símbolos. O quinto e último tipo se refere aos túmulos que não apresentam identificação, e nem possuem características arquitetônicas que mereçam destaque. A quarta e quinta tipologia tumular, não apresentam informações ou indícios significativos para esta pesquisa, pois não permitem discussões acerca da etnicidade e da memória germânica. Entretanto, foram incluídas por representarem um número expressivo de sepulturas do cemitério, e serão analisadas brevemente.

Levando em conta estas informações, foi construída a tabela abaixo:

¹³ Tradução livre

¹⁴ Tradução livre

Quadro 3 – Tipologias tumulares

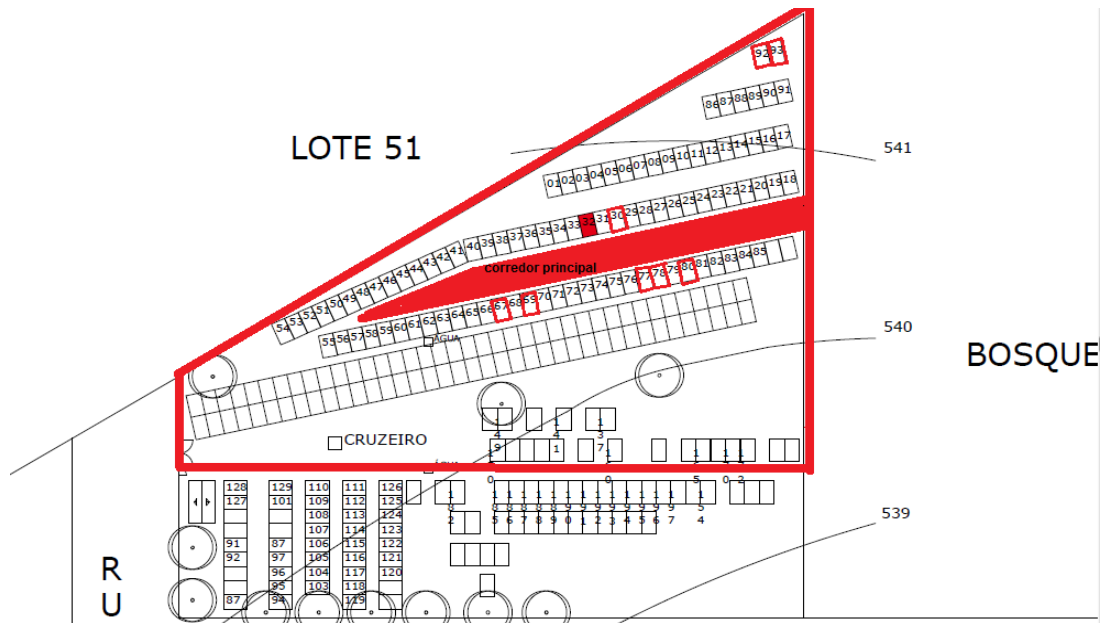
Tipologias tumulares	
Tipo 1 - Túmulos com inscrições em alemão	34
Tipo 2 - Túmulos possivelmente judaicos	8
Tipo 3 - Túmulos com características arquitetônicas relevantes, porém sem inscrições em alemão.	44
Tipo 4 - Túmulos sem nenhuma característica germânica	35
Tipo 5 - Túmulos sem identificação	100
Total	221 ¹⁵

Fonte: Cemitério do Heimtal, 2018.

Observando a disposição dos túmulos e a as datas de sepultamento, conseguimos identificar o local dos primeiros sepultamentos. Representamos alguns dos túmulos da década de 30, destacando-os de vermelho na planta do cemitério. É Provável que a parte destacada da planta fosse o “núcleo” do cemitério, e que o restante foi aumentado ao longo do tempo. Outro fato que nos leva a acreditar nesta hipótese é o fato de alguns destes túmulos estarem voltados de frente ao corredor principal, estando posicionados de forma contrária aos túmulos mais recentes da mesma fileira, dando a impressão de que este era o único corredor inicialmente.

¹⁵ Durante a categorização dos túmulos, foram desconsiderados todos os túmulos da quadra 5, pois não apresentam nenhuma característica singular a esta pesquisa: sua arquitetura lembra o formato de caixa, segue o mesmo padrão e não tem nenhum detalhe que os diferencie. São cerca de 45 túmulos que datam entre 2000 e 2010.

Imagem 5 - Planta do cemitério Heimtal



Fonte: Inventário urbano-paisagístico

Rede (1996) realiza uma importante discussão a respeito da cultura material, tornando acessível à pesquisadores brasileiros as tendências internacionais sobre o assunto. Ele cita as principais discussões, e se posiciona em relação a elas. Por ser um dos mais importantes expoentes sobre cultura material no Brasil, seu trabalho é fundamental a esta pesquisa.

Mihaly Csikszentmihalyi (apud REDE, 1996) analisa os aspectos psicológicos das relações entre o homem e as coisas, e a dependência que temos com os objetos. Segundo ele, essa dependência psíquica ocorre ante a necessidade que o ser humano tem de tornar palpável algo intangível, tendo a materialidade a função de estabilizar a subjetividade do inconsciente humano. Seguindo sua análise, a cultura material participa deste processo estabilizador de diferentes formas, podendo ser um “[...] dispositivo de demonstração de poder do possuidor, de sua energia erótica vital ou de seu lugar na hierarquia social; como mecanismo que fornece e revela continuidade temporal, evitando a dispersão do eu [...]” (apud REDE, 1996, p. 271).

Ao analisarmos os túmulos da referida necrópole, acreditamos que os objetos ao invés de serem mecanismos para a representação da “continuidade temporal” que Csikszentmihalyi (apud REDE, 1996, p. 271) nos diz, tenham papel legitimador, pois a sepultura evidencia sim concretamente o lugar do “eu” falecido,

porém legítima também a existência dos vivos, salvaguardando suas origens. Por isso, que ao analisarmos o suporte de cultura material que é o túmulo, conseguimos também analisar o culto aos ancestrais impregnados no objeto, culto este mantenedor de uma continuidade temporal.

Ainda seguindo a análise de Csikszentmihalyi (apud REDE, 1996, p. 271), a formulação dos valores simbólicos da cultura material é elaborada a partir dos objetos, e a concepção destes valores pode se transformar dentro de uma mesma sociedade, ou seja, não é imutável. Um objeto de cultura material pode perder sua importância perante mudanças na sociedade no qual está inserido. Um túmulo pode perder sua relevância familiar quando os atores sociais mais próximos daquele objeto também falecem, rompendo o elo que o mundo dos vivos ainda possuiu com o mundo dos mortos, não perpetuando assim o culto à aquele familiar morto. Este caso ocorre com uma parte significativa dos túmulos do cemitério do Heimtal, pois o patrimônio a partir da década de 1960 passou a sofrer com o êxodo rural, e assim inúmeras famílias mudaram para Londrina. Por consequência disso, muitos túmulos antigos estão em estado de abandono, pois as famílias perderam o elo existente com o patrimônio (ALMEIDA, 1995).

Na década de 1960, a crise na cafeicultura provocada por geadas e em decorrência da oscilação do mercado internacional, e a implantação de novas culturas que “se beneficiaram com a crescente mecanização da agricultura” (ARIAS NETO, 2008, p. 183) causaram a expulsão da mão de obra rural para os centros urbanos.

3.2.1 Análise dos Túmulos de Tipo 1¹⁶

O primeiro tipo de túmulos encontrados no cemitério do Heimtal, dentro da tipologia estabelecida por esta pesquisa, são os túmulos que apresentam inscrições em alemão e que realizam um apelo a identidade do falecido e a sua nacionalidade, e que representam cerca de 15% do total de sepulturas analisadas. Selecionamos 5 túmulos desta tipologia, sendo o de Elisa Furrer (imagens 6 e 7) o primeiro. Posteriormente analisamos o túmulo de Carlos Strass (imagem 8), que

¹⁶ Para a realização da análise dos túmulos, foi realizado um recorte de alguns túmulos de cada tipologia, pois o tempo de pesquisa não permitia analisar todas as sepulturas. Deste modo, selecionamos os túmulos com características mais relevantes para a realização das análises.

além de inscrições em alemão, tem destaque especial por se tratar de uma das pessoas que tiveram maior destaque dentro da comunidade germânica do Heimtal. Para finalizar a análise da primeira tipologia, examinaremos também a sepultura de Michael Salomon (imagem 9), Madalena Salomon (imagem 10) e Josef Sauer e Luisa Sauer (imagens 14, 15, 16 e 17), pois ao longo da pesquisa sofreram reformas e modificações que merecem destaque.

Elisa Furrer nasceu em 1882 e faleceu no ano de 1957, com 75 anos, segundo informações da própria lápide. Seu epitáfio (imagem 6) indica o nome, sua data de nascimento e falecimento, além da frase “Hier Ruth” que significa “aqui está descansando”¹⁷ ou ainda “aqui jaz”¹⁸.

Imagem 6 - Detalhe do túmulo de Elisa Furrer, cemitério do Heimtal, 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

¹⁷ Tradução livre

¹⁸ Tradução Livre

Imagem 7 - Túmulo de Elisa Furrer, cemitério do Heimtal, 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Observando a imagem 7, notamos que a base da sepultura é toda de concreto, sendo seu centro preenchido por ele também. Entretanto, ao observarmos os revestimentos empregados no túmulo, percebemos que algumas alterações foram realizadas ao longo do tempo. A maior parte do túmulo é revestida de mármore (extremidades da base, colunas e elevação), porém sobre a base o revestimento é feito de azulejos, que apresentam inclusive cor diferente do restante do túmulo. Esta diferença no revestimento sugere que provavelmente existisse um jardim sobre o túmulo, e que posteriormente ele foi coberto com cimento e revestido com azulejo. Essa possível intervenção arquitetônica realizada na sepultura a descaracteriza, se pensarmos apenas na “originalidade” da construção. Porém “ao invés de lamentar a perda de supostos traços originais [...]” (REDE, 1996, p. 276), o

historiador deve ser capaz de entender que no campo das práticas culturais, esses restauros ou intervenções arquitetônicas podem indicar uma reafirmação e manutenção da memória do defunto e que o culto aos mortos se mantém vivo.

Nas extremidades da base existem quatro colunas, que são interligadas por uma fina barra de metal formando uma espécie de cercado. Sobre duas destas colunas existem vasos utilizados para a ornamentação do túmulo, e entre elas existe uma elevação indicando a “cabeceira” da sepultura. Sobre esta elevação existe uma escultura de uma figura feminina envolta em uma túnica. A frente desta elevação encontra-se o epitáfio (imagem 6). Sobre a base do túmulo existem duas floreiras de materiais diferentes do restante da edificação, indicando que também foram introduzidas posteriormente. As fotos da sepultura (imagens 6 e 7) foram tiradas no dia de finados de 2017, e as flores frescas demonstram que houve visita ao túmulo.

A chegada de Elisa Furrer ao Brasil consta nos registros da Hospedaria do Imigrante¹⁹, e nos permite saber que chegou ao Brasil juntamente com sua família²⁰. Segundo o documento, a família Furrer chegou da Suíça ao Brasil no dia 8 de abril de 1922, tendo passado por Zurich e Hamburgo antes de chegar a Santos. Segundo o registro, a família de religião católica era composta por quatro pessoas: Emil Furrer de 32 anos (chefe da família, segundo consta), Elisa Furrer de 40 anos, e os dois filhos Emil e Henri Furrer, de 17 e 14 anos respectivamente. A nacionalidade suíça justifica a língua empregada no registro do epitáfio, pois o alemão é uma das línguas oficiais da Suíça, e mais uma vez nos revela a multiplicidade de nacionalidade destes imigrantes que compunham a população do Heimtal, e que sempre foram vistos como “germânicos”.

Segundo Seyfert (2000), a identidade étnica é constituída por três emblemas: a noção de colônia, a afirmação da origem nacional, e a história compartilhada da colonização, sendo esta última “especialmente reportada à vivência do pioneirismo; diversos elementos considerados constitutivos de uma cultura comum – tais como a língua materna, comportamentos, costumes, etc.”

¹⁹ A Hospedaria dos imigrantes existiu entre os anos de 1887 e 1978, em São Paulo. Os imigrantes que chegavam ao Brasil eram levados para lá, e podiam seguir viagem apenas após a realização de seu registro. Hoje, o Museu da Imigração de São Paulo mantém um banco de dados online, onde é possível consultar através do nome, sobrenome, nome do navio e nacionalidade os imigrantes que chegaram ao Brasil durante este período.

²⁰ A família Furrer, número 51820, está registrada no livro 094, página 127 (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, [s.d.]).

(SEYFERT, 2000, p. 154). A população do Heimtal foi formada inicialmente por imigrantes europeus, em sua maioria pertencente a países que antes da 1ª Guerra Mundial compunham os impérios Alemão, Austro-Húngaro e Russo. Estes países, já possuíam aproximações culturais por conta do cenário europeu do século XIX e XX, formando assim “regiões multiétnicas. Entre estes, lituanos, bielorrussos, ucranianos, alemães, judeus e russos” (DECOL, 2000, p. 3).

Ao se estabelecer no Heimtal, estes imigrantes precisaram abandonar comportamentos realizados em seu país de origem, e reelaboraram um novo sistema de valores. Mediante a “heterogeneidade de grupos de imigrantes presentes na região” (ALMEIDA, 1995, p. 97), iniciou-se um processo de “aceitação e de adaptação a novos modos de ação, bem como de ajustamento de uma nova ordem socioeconômica” (ALMEIDA, 1995, p. 97). A comunhão de elementos culturais semelhantes ou minimamente próximos contribuiu para a construção de uma cultura supostamente em comum.

No caso do Heimtal em específico, a formação da identidade étnica teve contornos muito característicos: mesmo existindo imigrantes de outras nacionalidades e regiões (como russos, austríacos, húngaros, entre outros), os alemães constituíam maior número, e assim conseguiram se organizar e orquestrar uma nova ordem social. A escola alemã, fundada em 1931 teve papel fundamental para manter a língua e as tradições entre os alemães e para inseri-las aos demais imigrantes, pois “a língua e a cultura [...] seriam perpetuadas através da escola, da igreja, do lar, com isso preservando uma identidade étnica” (SEYFERT, 1986, p. 60). Nos primeiros anos da ocupação do Heimtal, a escola foi local de encontro dos moradores, de celebrações religiosas e festividades. Apenas em 1936 é que os moradores se mobilizaram para a construção de duas igrejas, uma luterana e uma católica. A renda para a construção foi arrecadada nas festas realizadas, e parte do dinheiro foi doado pelo governo alemão (ALMEIDA, 1995).

Paulatinamente foi sendo construído o que chamamos de germanidade no Heimtal, ou seja, uma identidade étnica germânica mesmo entre os imigrantes de outras nacionalidades. Essa germanidade englobou os múltiplos elementos culturais dos imigrantes, e aproveitou-se de elementos em comum para a construção de uma cultura em comum entre eles. Esses imigrantes que não eram alemães, assumiram esta germanidade como:

um conjunto de recursos disponíveis para a ação social. De acordo com as situações nas quais ele se localiza e as pessoas com quem interage, um indivíduo poderá assumir uma ou outra das identidades que lhe são disponíveis, pois o contexto particular no qual ele se encontra determina as identidades e as fidelidades apropriadas num dado momento (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 166).

Este processo não ocorre com culturas muito destoantes, e é necessário que haja uma aproximação cultural através de signos visíveis, como a língua ou comportamentos, e posteriormente há um realce da identidade étnica estabelecida (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). Pode ser este um dos motivos para encontramos inscrições em alemão em sepulturas de jacentes de outras nacionalidades.

Retomando a análise tumular, outro fato que merece destaque referente a família Furrer, é que existem outros dois túmulos da família no cemitério: Herta Furrer, de 18 anos e falecida em 1962 e Olinda Furrer, de 73 anos e falecida em 1988. As duas mulheres estão sepultadas em um túmulo ao lado ao de Elisa, e seus epitáfios estão escritos em português, não fazendo menção a língua ou a cultura suíça, ou até mesmo alemã, evidenciando assim o afastamento com a cultura de origem da família.

A sepultura da família Strass será analisada juntamente com a da família Dreger, pois as duas aparentam ser um “par”, como podemos observar na imagem 8. Estas duas sepulturas passariam despercebidas, se não fosse um olhar apurado, pois não é possível notar nada de excepcional ou que chame a atenção, além de algumas das inscrições tumulares estarem apagadas e desgastadas pelo tempo. Sua arquitetura tumular comum e o revestimento simples de azulejo fazem com que os referidos túmulos não se destaquem ao meio de tantos outros túmulos com características arquitetônicas aparentemente mais significativas.

Imagem 8 - Túmulos de Emilie Kretzmar e Ludiwig Dreger (esquerda); Carlos João Strass e Edith Strass Barão (direita), cemitério do Heimtal, 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

No túmulo esquerdo temos enterrados dois jacentes, supostamente familiares, embora não tenham o mesmo sobrenome: Emilie Kretzmar de 99 anos, falecida em 1962 e Ludiwig Dreger de 81 anos, falecido em 1974. A lápide é conjunta, e tendo sido gravado os nomes dos dois jacentes na mesma placa de mármore, o que indica que foi produzida após a morte de Ludwig, que foi posterior. Além disso, possui a frase “Hier ruht in frieden” gravada antes dos nomes, indicando que os jacentes falavam alemão. Como os dois faleceram na última metade do século XX, não estão registrados no primeiro livro de inumação do Heimtal, documento que está sendo utilizado nesta pesquisa e que registrou apenas os falecidos até o ano de 1947 ²¹. O sobrenome “Dreger” também não consta nos registros do Museu da Imigração (Hospedaria do Imigrante).

Entretanto, localizamos alguns registros com o mesmo sobrenome de Ludiwig Dreger, que nos dão algumas pistas acerca de sua nacionalidade e/ou origem: Gustavo Dreger, falecido no dia 23/09/1940 aos 29 anos, oriundo da Prússia e filho de Adão Dreger. Como não possuímos documentação comprovando a origem de Ludiwig Dreger, podemos supor que sua nacionalidade fosse a mesma de Gustavo Dreger. Quanto a Emilie Kretzmar não foi localizada nenhum registro ou

²¹ A partir de então a prefeitura de Londrina assumiu a administração do cemitério, porém não obtivemos acesso a tais registros.

referência ao seu sobrenome, tornando impossível afirmarmos sua nacionalidade, porém sabemos que também falava alemão por conta do epitáfio.

No túmulo a esquerda está sepultado Carlos João Strass, falecido em 1982 e Edith Strass Barão, falecida no ano de 1990. Como dito, Carlos João Strass foi funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná desde a década de 20, e participou inclusive no processo de escolha do local onde seria o Heimtal, sendo também um dos primeiros moradores. Foi ali que morou após casar-se com Olga Strass em 1932, e criaram os quatro filhos (AUGUSTO, 2004).

A chegada de Carlos João Strass está registrada no arquivo da hospedaria dos imigrantes de Santos, embora seu nome esteja registrado apenas como Karl Strass²² (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, [s.d.]). Segundo o documento, Karl Strass chegou ao Brasil no dia 26 de janeiro de 1924, solteiro, possuindo 23 anos, sendo agricultor. Ainda segundo o registro, Strass não era católico, embora não especifique a sua religião, era alemão, sendo natural de natural de Württemberg. Através dos dados levantados na pesquisa de Almeida (1995), temos conhecimento que Carlos João Strass era de religião luterana, e que ocupou papel essencial dentro do patrimônio rural do Heimtal, pois era funcionário da CTNP e desenvolveu papel de liderança dos moradores do Heimtal nas primeiras décadas e chegou a exercer funções administrativas, como o registro de inumação do cemitério local entre os anos de 1931 e 1947.

Como mencionado, além de ser funcionário da CTNP Carlos João Strass possuía uma mercearia, local onde a maior parte da população do Heimtal comprava mantimentos e sementes para o plantio. Por vender a prazo, para recebimento após a colheita, por alugar equipamentos agrícolas e ser uma ligação direta entre os moradores e a Companhia de Terras, Strass era respeitado como liderança entre os moradores.

Em 1942, Carlos Strass foi preso acusado de nazismo. Segundo Almeida (1995) a acusação foi de manter laços de amizade com o alemão pró-nazista Oswald Nixdorf, principal intermediador da imigração alemã na cidade de Rolândia. Ambos foram acusados de nazismo, pois segundo relatos teriam sido vistos hasteando a bandeira nazista em um evento em Rolândia. Tal acusação foi negada por ambos. Outras pessoas no norte do Paraná também foram presas. Vale

²² O registro se encontra no livro 096 página 175 (MUSEU DA IMIGRAÇÃO, [s.d.]).

ressaltar que as prisões ocorreram durante a Segunda Guerra Mundial, e que neste mesmo ano o Brasil entrou para a guerra ao lado dos países aliados, passando assim a ter um posicionamento mais duro com os imigrantes oriundos dos países pertencentes ao Eixo. Londrina neste período possuía numerosos imigrantes de origem japonesa, italiana e alemã. As acusações a Strass não foram comprovadas, porém “há quem confirme (...) que existia, no Heimtal, uma bandeira nazista e que Carlos João Strass e outros colonos se deslocavam até Rolândia para participarem de manifestações pró-nazistas” (ALMEIDA, 1995, p. 122).

Hoje, Carlos João Strass é lembrado como o pioneiro do Heimtal, fundador que ajudou a construir a comunidade com as próprias mãos. Inclusive uma importante rodovia que corta a região, leva o seu nome. É muito simbólico que esteja sepultado na comunidade que ajudou a formar, como se seu último ato, mesmo em morte, legitimasse a história do Heimtal. Ser considerado um pioneiro de Londrina está atrelado apenas ao fato de ter se mudado para a região nos primeiros anos de sua ocupação. Os pioneiros são lembrados como bravos homens que trouxeram o progresso para a região, sendo os responsáveis pelo crescimento da cidade (SILVA, 2016). Estes personagens foram construídos ao longo da história londrinense através da monumentalização de seus feitos, privilegiando o papel de famílias que tiveram importância econômica e política na cidade, excluindo a grande massa de trabalhadores rurais deste *hall*. Strass é reconhecido como pioneiro no Heimtal não apenas por ter sido um dos primeiros a chegar ao local, mas também pelo papel que sua família desempenhou no Heimtal, intermediando a relação entre os moradores e a CTNP, além de seu papel de liderança no local.

É paradoxal, no entanto, que sua sepultura seja tão simples arquitetonicamente, e que a placa de identificação de sua sepultura esteja tão apagada que se tornou ilegível. Apenas conseguimos descobrir a identidade do jacente, pois realizamos um procedimento para tentar tornar legível o relevo ainda existente na placa de mármore, já que não está mais legível: utilizamos folhas de papel que foram colocadas sobre a placa, e posteriormente pintamos com grafite, o que nos permitiu ler o nome do jacente e as informações acerca de seu falecimento.

A outra pessoa sepultada no mesmo túmulo é Edith Strass Barão era filha de Carlos João Strass. Na lápide de Edith, além da frase “*Hier Ruht*” que comumente os túmulos alemães do Heimtal possuem, as palavras alemãs “*geboren*” e “*gestorben*” foram utilizadas para designar a data do nascimento e da morte,

respectivamente. Quanto ao formato de sua lápide, ele representa um livro aberto, que sugere uma referência à bíblia, sendo o único símbolo religioso da sepultura.

Algo que fica claro nas análises das sepulturas que possuem inscrições em alemão de jacentes falecidos a partir da década de 70, é que há ausência de elementos arquitetônicos germânicos. O único elemento de distinção entre estes túmulos e os demais são as frases na língua alemã nas lápides, embora existam várias sepulturas com sobrenomes que sabemos que são pertencentes a famílias tradicionais do Heimtal, com origem alemã, mas que não carregam mais a língua na lápide. Isso pode se dar por alguns fatores: pela falta de artesãos especializados neste tipo de túmulo, pela modernização neste tipo de construção, pelo enfraquecimento da comunidade alemã do Heimtal, e a falta de manutenção das fronteiras étnicas.

Retornando a análise material, os dois túmulos foram revestidos como o mesmo azulejo, e a cabeceira em metal sugere que as duas sepulturas pertençam a uma mesma família, embora não consigamos chegar a esta conclusão, pois os jacentes não apresentam o mesmo sobrenome. Entretanto, sabemos que os vários graus de parentesco podem não carregar o mesmo nome.

As últimas sepulturas a serem analisadas dentro desta primeira categoria, são de Michael Salomon e Madalena Salomon. Iniciaremos pela de Michael, Michael Salomon, falecido em 1935. A sepultura é uma das mais antigas do cemitério, e seu falecimento está registrado no livro de inumação do cemitério. Segundo o documento, Michael possuía 64 anos, era lavrador, casado e de nacionalidade alemã. O motivo de sua morte e o nome de seus pais foi ignorado no registro. A escolha deste jazigo para análise ocorreu principalmente por conta de recentes modificações arquitetônicas a qual sofreu. Na imagem 9 podemos ver fotografia que foi tirada em novembro de 2017, enquanto a imagem 11 foi tirada em abril de 2019.

A arquitetura tumular era bem preservada, apesar de alguns desgastes. Apesar da base de concreto conter algumas rachaduras, a elevação onde se encontram as informações sobre o jacente encontrava-se em perfeito estado. Esta elevação é dividida em três partes de tal modo que faz com que a parte mais alta fique em destaque. A segunda parte da elevação contém a frase em alemão "*Ruhe sanft*", que significa "descanse gentilmente". Na parte mais alta da elevação tumular encontra-se a lápide, contendo a frase "*Hier ruht in gott*", que

significa “Aqui está repousando em deus”, e abaixo o nome do falecido. As expressões “Geb” e Gest”, abreviações de “*geboren*” e “*gestorben*”, indicando a data do nascimento e da morte de Michael. Deste modo, este túmulo se enquadra na primeira tipologia de túmulos, estabelecidos nesta pesquisa. Tais frases em alemão são recorrentes nos textos fúnebres encontrados nas lápides desta primeira tipologia tumular. Elas remetem a concepção de morte vigente até o século XIII, onde acreditavam que o morto estava esperando o paraíso, repousando naquela sepultura. A partir do século XIV há uma dissociação entre alma e corpo (ARIÈS, 1989).

Na elevação tumular existem ainda um arabesco floral, bem comum e presente em grande parte das sepulturas deste período neste cemitério. O arabesco é um ramo com folhas, que parte do lado esquerdo da lápide e sobe em direção ao topo da elevação, indicando a parte mais importante da arquitetura tumular: uma pequena imagem de anjo no topo da elevação. Além da arquitetura indicar o céu, a presença da figura do anjo pode representar uma ligação entre o plano celestial e mundano.

Imagem 9 - Túmulo de Michael Salomon, cemitério do Heimtal, 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Algumas fileiras abaixo do túmulo de Michael Salomon, está localizada outra sepultura da família Salomon: a sepultura de Madalena Salomon, falecida em 1945. Infelizmente não possuímos nenhuma foto ou registro de seu túmulo deste mesmo período (2017), apenas a foto da lápide (imagem 10). Deste modo iremos restringir a análise apenas à lápide.

Imagem 10- Túmulo de Madalena Salomon, cemitério do Heimtal, 2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Madalena Salomon faleceu em 17 de janeiro de 1945. Sua lápide traz algumas informações em sua língua materna, o alemão. Estão presentes as frases “*hier ruht in gott*”, que significa “aqui está descansando/repousando em deus”, e a frase “*sie ruhe in frieden*” que significa “ela está em paz”. Além destas frases, estão presentes as expressões “*Geb*” e “*Gest*”, indicando a data de nascimento e de falecimento, assim como na lápide de Michael Salomon.

Além destas expressões comuns aos túmulos alemães, sua lápide traz uma informação importante: seu nome de solteira. A frase “*geborene Schreiner*” indica que antes de ser uma Salomon, era uma Schreiner. Tal informação é

confirmada pelo registro do nome de seu pai no livro de inumação, Jorge Schreiner. Ainda segundo os registros de inumação, Madalena era viúva, de nacionalidade Húngara e doméstica. Como era viúva, podemos supor que era esposa de Michael Salomon.

Essas duas sepulturas são uma das mais antigas do cemitério, e preservavam características arquitetônicas importantes para a compreensão do contexto cultural em que viviam estes moradores do Heimtal. No entanto, com dissolução paulatina das fronteiras étnicas destas famílias, e das mudanças sociais do Heimtal e de Londrina, acreditamos que a cultura alemã deixou de ser fator de dicotomização para esta família, que aos poucos foi deixando de manter as fronteiras étnicas. Em março de 2019 estes dois túmulos foram reformados, e sua arquitetura tão característica dos túmulos alemães foi substituído por uma arquitetura tumular mais moderna, dentro de padrões estéticos atuais. As imagens abaixo foram retiradas após a reforma:

Imagem 11 - Túmulo de Michael Salomon após reforma, cemitério do Heimtal, março/2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

Imagem 12 - Estrutura tumular da sepultura de Michael Salomon, que foi desmontada e descartada, cemitério do Heimtal, março/2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

A imagem 11 mostra o túmulo de Michael Salomon após a reforma. Podemos observar que o túmulo passou a ter espaço para mais inumações. Normalmente este tipo de construção tumular tem a capacidade para dois ou mais jacentes, podendo ter uma gaveta subterrânea. Devido a superlotação dos cemitérios de Londrina, é comum que as famílias optem por enterrar o máximo de familiares possíveis em um mesmo túmulo, pois assim economiza com a compra de novas sepulturas e com a manutenção, além de preservar um núcleo familiar unido.

Segundo o obituário da ACESF, no dia 12 de novembro de 2018 foi sepultado no cemitério do Heimtal o senhor Inácio Valmir Salomon. O sepultamento dele justificaria a reforma realizada nos túmulos da família Salomon, lembrando que o túmulo de Magdalena Salomon também foi reformado. Não sabemos em qual túmulo Inácio foi sepultado, se foi no de Magdalena ou Michael, porém foi em um dos dois.

Na imagem 12 podemos ver a antiga estrutura tumular de Michael Salomon. Aparentemente, ela foi retirada do local para dar espaço ao novo revestimento de granito, e foi depositada encostada em um túmulo vizinho.

O túmulo de Magdalena Salomon (imagem 13), após a reforma, é exatamente igual ao de Michael. Os dois são revestidos de granito, pedra muito utilizada em túmulos por sua baixa absorção de água, e a facilidade de limpeza e manutenção. Ambos possuem 2 gavetas externas, podendo ter uma gaveta subterrânea. Sobre os túmulos existe uma espécie de capelinha, feita também em granito, onde são colocados os epitáfios, fotos dos jacentes e pequenos vasos de flor. Nos dois túmulos ainda não existia epitáfio, talvez pela reforma ainda muito recente. Ao lado dos dois túmulos existe uma pequena edificação destinada ao depósito de velas, protegendo a chama do vento.

Imagem 13 - Túmulo de Magdalena Salomon após reforma, cemitério do Heimtal, março/2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Diante destas transformações em que os documentos de cultura material passam, ao invés de nos lamentar pela “perda de supostos traços originais” (REDE, 1996, p. 276), devemos questionar o objeto e olhar atentamente para as transformações e permanências que os objetos e cultura sofrem ao longo do tempo. Segundo Marcelo Rede (1996),

[...] face a uma trajetória em que o próprio objeto perde e incorpora atributos, em que atravessa redes de significados que o classificam e reclassificam em categorias constituídas culturalmente, não se trata mais de desvendar características perenes, mas de identificar as alterações e explicar suas razões. Pela sua própria materialidade, os objetos perpassam contextos culturais diversos e sucessivos, sofrendo reinserções que alteram sua biografia e fazem deles uma rica fonte de informação sobre a dinâmica da sociedade. (REDE, 1996, p. 276)

As reformas dos túmulos nos mostram, por exemplo, a mudança do padrão estético, como hoje a arte tumular está mais simplificada, voltando-se apenas para a função primordial da sepultura e deixando de lado peças e detalhes artísticos, que eram utilizados para diferenciação do jacente em relação as demais sepulturas, ou a reafirmação de sua cultura. Mostra também que para a família, houve uma perda de sentido dos elementos reafirmadores da cultura germânica, como a língua e a arquitetura.

O último túmulo analisado nesta tipologia foi escolhido por conta do estado de abandono que o cemitério se encontra, e deixa claro a falta de zelo com a administração do mesmo. Durante as várias visitas ao cemitério observamos, por exemplo, as modificações que algumas sepulturas sofreram. Abaixo podemos ver na imagem 14 o túmulo de Josef e Luisa Sauer. Segundo informações contidas na própria lápide, Josef faleceu no ano de 1938, enquanto Luisa Sauer faleceu no ano de 1945. O epitáfio foi escrito em alemão, contendo as expressões “*geb*” e “*gest*” para indicar as datas de nascimento e falecimento, além da palavra “*ehfrau*” usada para indicar que Luisa era esposa de Josef. A inumação de Josef não consta registrada no livro de Inumação, entretanto a de Luisa foi registrada: era viúva, austríaca e faleceu com 85 anos.

Em 2017, quando a sepultura foi fotografada pela primeira vez, ela já apresentava um estado de conservação ruim, pois a base do túmulo possuía uma grave rachadura em uma das extremidades, e ausência de vários pedaços do lado esquerdo, colocando uma parte da base sob risco de desabamento (imagem 15). Já em março de 2019, o túmulo estava completamente descaracterizado: a lápide não estava no local, e foi encontrada ao lado de um túmulo próximo, juntamente com um pedaço da base do túmulo, o mesmo pedaço que ameaçava desabar em 2017. Na imagem 16 podemos ver a lápide fora de seu contexto, e na imagem 17 podemos observar as peças abandonadas, longe da sepultura às quais pertencem.

Imagem 14 - Túmulo de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, nov/2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

Imagem 15 - Detalhe da base do túmulo de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, nov/2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

Imagem 16 - Lápide de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, março/2019



Fonte: **SALA, Gabriela Cubaski**

Imagem 17 - Detalhe da Lápide de Josef e Luisa Sauer, cemitério do Heimtal, março/2019.



Fonte: **SALA, Gabriela Cubaski**

3.2.2 Análise dos Túmulos de Tipo 2

Localizamos ao longo desta pesquisa oito sepulturas que possuem simbologia judaica, entretanto não existem outras fontes que comprovem que realmente estes jacentes eram judeus, ou que possuísem descendência judaica. Levando em consideração a escassez de fontes, está tipologia tumular é hipotética, tendo apenas os símbolos contidos nas lápides como documento histórico.

Dentro da segunda categoria de túmulos, que representam cerca de 4% do total de túmulos analisados, temos a sepultura de Maria Berg (imagem 17). Seu sepultamento está registrado no livro de Inumação da CTNP, possibilitando assim o cruzamento de fontes. Maria Berg possuía 76 anos, era viúva, de nacionalidade polonesa e a causa de sua morte é “caquexia cancerosa”. Algo intrigante, é que em seu túmulo aparecem inscrições em alemão, mostrando que a identidade é um campo de negociações, pois ela podia ser polonesa no sentido civil, mas culturalmente era alemã. Investigando mais a fundo os registros de Inumação, localizamos outra sepultura cujo jacente possui o mesmo sobrenome, e que faleceu anteriormente a ela. Ludwig Berg faleceu no ano de 1939, era alemão e possuía 80 anos. O fato de terem idades compatíveis e de não serem irmãos (pois no livro de inumação consta a filiação de cada um) sugere que eram casados. O matrimônio dos dois explicaria, por exemplo, o fato de existirem elementos da cultura alemã na sepultura de Maria Berg, mesmo ela sendo de nacionalidade polonesa.

Imagem 18 - Túmulo de Maria Berg, cemitério do Heimtal. 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Também é possível que Maria Berg tenha imigrado para a Alemanha, e posteriormente para o Brasil. Segundo Decol (2000), a imigração da Polônia por razões políticas já ocorria desde o século XVIII, intensificando-se após a partilha da Polônia em 1795²³. As frequentes mudanças das fronteiras incentivaram a imigração para outros territórios, e acredita-se em no início da Segunda Guerra Mundial cerca de dois milhões de poloneses viviam na Alemanha (DECOL, 2000). A hipótese de Maria Berg ter imigrado para a Alemanha justifica também a presença de características culturais alemãs em sua sepultura, indicando um hibridismo cultural. No epitáfio da sepultura mencionada anteriormente aparece discretamente um importante símbolo religioso: a estrela de Davi. Em grande parte dos túmulos, para designar a data de nascimento é utilizado o símbolo de uma estrela de cinco pontas, e para designar o falecimento é usado o símbolo de uma cruz. Neste caso, a estrela que indica a data do nascimento do falecido é uma estrela de 6 pontas, ou seja, uma estrela de Davi, símbolo que pode indicar uma descendência judaica. Entretanto, outro símbolo religioso está presente no túmulo: a cruz.

A presença dos dois túmulos pode indicar uma hibridização destas religiões, porém não outras fontes além da lápide que amparem tal hipótese. A

²³ No século XVIII o território polonês foi dividido entre “três grandes potências expansionistas da época: os Impérios da Prússia, Áustria e Rússia” (DECOL, 2000, p. 2).

presença tanto da cruz como da estrela de Davi podem ser também uma escolha estética do artífice que produziu o tumulo, porém não conhecemos sua identidade e não poderemos afirmar sobre as intencionalidades do artífice ao fabricar a sepultura.

Nos trabalhos produzidos sobre o Heimtal até agora²⁴, nunca foi mencionada a presença de jadaica nesta localidade. Almeida (1995) faz um levantamento dos moradores do Heimtal na década de 90, observando sua descendência, ano de chegada no Heimtal, procedência e religião. Neste levantamento, aparecem 33 moradores, sendo que 25 são de religião católica e 8 de religião luterana, não constando nenhum morador de religião ou descendência judaica. Ludwig Berg faleceu quatro anos após a promulgação das Leis de Nuremberg²⁵, período do auge da perseguição nazista aos judeus, enquanto Maria Berg faleceu aproximadamente um ano após o término do conflito (SOARES, 2012). O sobrenome Berg aparece em algumas listas de sobrenomes judaicos²⁶, porém não conseguimos localizar nenhum registro de Ludwig ou Maria Berg.

Houve uma considerável imigração de alemães judeus para a cidade de Rolândia, e Soares (2012) divide a imigração de judeus para Rolândia em quatro períodos: “O primeiro momento ocorreu nos anos de 1932 e 1933, período da ascensão de Hitler ao poder [...]” (SOARES, 2012, p. 111). O segundo período foi entre os anos de 1934 a 1938, “[...] uma vez que neste período os refugiados, em sua maioria, puderam sair com seus bens, ou considerável parte dele, por discordarem ou por serem perseguidos pelo regime imposto” (SOARES, 2012, p. 111). O terceiro período é referente ao período de 1939 e 1942, marcado pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. O último momento seria o período pós-guerra (pós 1945) quando “algumas pessoas optaram por Rolândia como local para reconstrução de suas vidas, ou porque parentes já estavam estabelecidos na cidade ou em suas imediações” (SOARES, 2012, p. 111).

O casal Berg e/ou familiares não estão registrados no banco de dados da Hospedaria dos Imigrantes, e assim não temos como saber exatamente a data de

²⁴ O principal trabalho historiográfico a respeito do Heimtal é a tese de doutoramento de Ana Maria Chiarotti de Almeida (1995), além de um artigo de Humberto Yamaki (2011) que trata aspectos ligados a geografia e a paisagem do local.

²⁵ As leis de Nuremberg consistem em um conjunto de leis anti-judaicas, aprovadas em 1935 (RIBEIRO JUNIOR, 1987).

²⁶ Foi realizada busca minuciosa no banco de dados Family Search, mantido pela igreja Mórmon. O único sobrenome encontrado foi o Berg. Os demais sobrenomes de túmulos supostamente judaicos não foram localizados. Disponível em: <www.familysearch.org> Acesso em out 2019.

sua chegada ao Brasil. Sendo assim, podemos supor que imigraram entre o primeiro e o segundo período de imigração judaica, podendo ter se estabelecido a princípio em outra localidade, para então chegarem até o Heimtal.

Também desconhecemos as intencionalidades de judeus terem preferido se instalar no Heimtal ao invés de Rolândia, já que lá havia uma rede de rede de auxílio entre os judeus (SOARES, 2012). Pode-se supor que talvez quisessem maior discrição acerca de sua identidade, talvez por medo, uma vez que era de conhecimento das pessoas da região que Rolândia possuía vários imigrantes judeus. Os túmulos do casal Berg não são os únicos que possuem simbologia judaica, sendo possível identificar o símbolo religioso em pelo menos outras seis sepulturas: Sepultura de Juliana Schiming (1938), Bertha Siebenaich (1950) e Samuel Schiming (1951), Karl Hermann Oskar Osswald (1953), Gustav Wilhelm Funk (1955) e Berta Sommerfeld (1956).

Ao observarmos atentamente o túmulo de Maria Berg (imagem 18), percebemos que há um outro túmulo no cemitério contendo exatamente com as mesmas características arquitetônicas. A associação das duas sepulturas tardou para ser feita, pois, um dos túmulos está com a cruz quebrada, dificultando assim a análise. Este segundo túmulo também é judeu, e revela a existência de um padrão arquitetônico.

Berta Sommerfeld (imagem 19) faleceu 10 anos após Maria Berg no ano de 1956, e sua lápide também possui discretamente a estrela de Davi indicando o ano de nascimento do jacente. Assim como o túmulo de Maria Berg, a presença de simbologia cristã e judaica pode indicar uma hibridização ou uma preferência estética do artífice, sendo interpretado por nós como uma hipótese de ascendência ou religião judaica.

Comparando os dois túmulos podemos notar que possuem uma cruz ao centro, porém no túmulo de Maria Berg a base da cruz está quebrada, restando apenas três braços. Abaixo da cruz encontra-se uma elevação que serve de apoio para o epitáfio, que contém informações como o nome do morto, data de nascimento e falecimento, e inscrições em alemão exaltando a origem do falecido. As inscrições dos dois túmulos também diferem, porém não as analisaremos. As bases dos túmulos são constituídas por muretas de alvenaria, que delimitam a sepultura. Sobre a base dos túmulos, encontram-se afixados quatro vasos

ornamentais. No centro da sepultura existe uma terra e seria destinado a existir um jardim. Porém o jardim dos dois túmulos encontra-se em situação de abandono.

Imagem 19 - Túmulo Berta Sommerfeld, cemitério do Heimtal, 2018



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

3.2.3 Análise dos Túmulos de Tipo 3

A terceira categoria de túmulos se trata de sepulturas que possuem características arquitetônicas singulares, símbolos e nomes que indicam relação com a cultura alemã, porém não apresentam inscrições na língua alemã. Dos 221 túmulos identificados no cemitério, 44 possuem essas características, constituindo aproximadamente 20% dos túmulos.

Um exemplar desta categoria é o túmulo de Erna Irma Funck Gb. Kleber (imagem 20), que possuía 31 anos quando faleceu. A base desta sepultura em específico, é toda de concreto, porém sobre ela existem seis pequenas colunas que são interligadas por uma fina barra de metal, formando uma espécie de cercado, seguindo características parecidas com o túmulo da primeira tipologia (imagem 7). Da base, ergue-se uma elevação com o epitáfio e uma foto da falecida, e sobre a

sua imagem existe um arco. A elevação é ornamentada com arabescos com motivos florais.

Analisando apenas a materialidade da sepultura não temos condições de identificar sua identidade, embora possamos supor a influência da cultura europeia por conta das características arquitetônicas. Seu sepultamento não está registrado no livro de inumações, uma vez que o registro abrange apenas o período entre os anos de 1931 e 1947, e seu nome também não está entre os registros do Acervo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Entretanto, as características arquitetônicas deste túmulo destoam muito de túmulos de brasileiros do mesmo período, possibilitando assim o levantamento da hipótese da germanidade desta jacente.

Imagem 20 - Túmulo Erna Irma Funck Gb. Kleber, cemitério do Heimtal, 2017.



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

3.2.4 Análise dos Túmulos de Tipo 4

Na quarta categoria estabelecida estão os túmulos que não possuem nenhuma característica germânica, seja ela arquitetônica, nominal ou inscrições na língua alemã. Essa tipologia constitui aproximadamente 16% do total de túmulos analisados. A arquitetura destas sepulturas é simples, parecendo-se com

uma caixa de concreto, possuindo em alguns casos uma edificação contendo o epitáfio, sendo encontrada comumente nos cemitérios brasileiros. Na imagem 21 podemos observar o túmulo onde estão sepultados Manoel C. Sobrinho e Geracina V. Cantuario. Segundo informações contidas na lápide, Manoel C. Sobrinho nasceu em 28 de agosto de 1915, tendo falecido no dia 7 de abril de 1986; Geracina nasceu em 2 de setembro de 1917 e faleceu em 30 de maio de 1995. O túmulo é revestido de azulejos e possui uma cruz de concreto sobre a lápide.

Imagem 21 - Túmulo Manoel C. Sobrinho, cemitério do Heimtal, 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

3.2.5 Análise dos Túmulos de Tipo 5

Na quinta e última categoria estão os túmulos sem identificação. Entre eles, há inúmeras sepulturas antigas que perderam sua identificação por ação do tempo e da falta de conservação, ou que tiveram seus epitáfios furtados, além de túmulos mais novos e que a família sequer identificou. Na imagem 22 podemos ver um túmulo desta categoria, que aparenta ser antigo e está abandonado.

Provavelmente a família do jacente não mora mais na região, ou não há mais nenhum ente vivo que se recorde deste falecido. O abandono também pode ser interpretado como uma questão sócio econômica, pois estas famílias não tiveram recursos para realizar as devidas manutenções nestas sepulturas, além de indicar uma invisibilidade social após a morte.

Imagem 22 - Túmulo abandonado, cemitério do Heimtal, 2017



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Ao longo deste capítulo, buscamos não só afirmar presença germânica no Heimtal, mas mostrar através da cultura material as teias culturais e étnicas que estes imigrantes construíram, seja para tentarem reproduzir minimamente os costumes de seu país de origem, ou para se encaixarem na dinâmica social construída no local. A identidade étnica destes alemães, e o processo de germanização de imigrantes de outras etnias, foram construídos a partir da reprodução de signos e práticas culturais que a própria comunidade elegeu e assimilou com sendo sua. Outro elemento importante para a construção das fronteiras étnicas no Heimtal e a delimitação de quem pertencia ao grupo germânico foi a dicotomização Nós/Eles (BARTH, 1998) realizadas com imigrantes que apresentavam culturas muito distintas das suas, como o caso dos italianos. A partir

da diferença cultural, foi mais fácil para o grupo germânico construir elementos culturais que os unissem.

4 RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO CEMITERIAL: A UTILIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DO HEIMTAL PARA RITUAIS DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

O cemitério é uma construção dos vivos, e representa a sociedade em que está inserido. Nele há indícios de disputas sociais, culturais e religiosas. Podemos observar por exemplo a marginalização das religiões de matriz africana, que não encontram espaço para realização de seus rituais, ao contrário dos rituais cristão. Enquanto os cristãos depositam flores e velas a luz do dia, um umbandista ou candomblecista necessitam deixar seus despachos às escondidas, normalmente a noite, evidenciando como a cultura negra é inferiorizada em relação a branca. Para melhor compreensão, iremos ver em linhas gerais como se deu o processo histórico da cultura africana no Brasil, para poder compreender sua inserção no nosso objeto de estudo.

Com o início das grandes navegações, no século XV, espanhóis e portugueses se aventuraram pelo Atlântico. Não tardou muito para que as “sociedades africanas da costa atlântica, até então nunca visitadas por povos de fora do continente, também passasse a fazer parte de circuitos de relações intercontinentais” (MELLO E SOUZA, 2008, p.73). Posteriormente, o continente africano forneceu a mão de obra necessária no Novo Mundo. A escravização de africanos era justificada através de argumentação religiosa e filosófica, e posteriormente por teorias evolucionistas de cunho racista, que garantiam a inferioridade do negro (MELLO E SOUZA, 2008).

Além da mão de obra, os navios negreiros trouxeram algo muito mais valioso. Trouxeram “[...] a sua personalidade, a sua maneira de ser e de se comportar, as suas crenças” (VERGER, 1981, p.23). Esses povos foram retirados de diversas regiões do continente Africano, e ao chegarem ao Brasil eram classificados de acordo com o local onde foram embarcados nos navios negreiros.

Ao chegarem a América eram batizados sob a fé cristã, e recebiam novos nomes, normalmente inspirados em nomes de santos, tentando assim transformá-los de pagãos em cristão. Paralelamente a isto, estes africanos reinventaram suas tradições, e lutaram pra conseguir manter sua cultura às escondidas, pois seus costumes eram proibidos por serem vistos como algo bárbaro e repreendidos com violência pelos senhores de escravos. Obrigados a professar

uma fé que não era sua, estes negros incorporam nos rituais católicos seus elementos culturais, e não tardou para que cultuassem seus deuses representando-os através dos santos católicos, driblando assim as proibições de professar suas crenças (SILVA, 1994). Há quem acredite que os santos católicos passaram a proteger os escravos, pois se arrependeram de terem protegido os interesses dos senhores, e decidiram trocar de posição, “ajudando-os a mistificar os seus senhores” (VERGER, 1981, p.25) e a camuflar seus cultos.

Na área rural normalmente os ritos eram realizados na “escuridão e na solidão das matas e roças ou nos próprios espaços contíguos à senzala” (SILVA, 1994, p.46). Com o crescimento das cidades e com as transformações que a escravidão urbana implicava, como a popularização de escravos de ganho que possuíam maior autonomia para se locomover pela cidade, e o aumento de escravos libertos, foi possível melhores condições para que realizassem suas atividades religiosas. As moradias coletivas desta população tornaram-se então pontos de encontro para os ritos religiosos (SILVA, 1994). Entretanto, a organização institucional destas religiões é algo muito recente, e, Segundo Prandi (1997) se deu influenciada pelas últimas levas de escravos africanos, que já chegaram no período da escravidão urbana, e puderam usufruir de maior mobilidade e por consequência de maior sociabilidade (PRANDI, 1997), além de possuírem a cultura e religiosidade com menos influências do cristianismo, uma vez que não passaram por intenso processo de conversão e vivência na religião cristã, como os escravos que já estavam estabelecidos no Brasil a muito tempo, ou que tinham nascido em solo Brasileiro.

Após a independência do Brasil em 1822, a constituição²⁷ garantia a “liberdade de culto, desde que o templo não ostentasse símbolos na fachada” (SILVA, 1994, p.46), pois apenas o culto doméstico era permitido. Talvez por sempre ter sido um culto velado, talvez exista hoje uma dificuldade de aceitação destas práticas pela sociedade. Hoje, existem leis que garantem a liberdade ao culto no Brasil, que

²⁷ A constituição de 1824 deixava claro que a religião oficial do Império era a Católica, porém permitia cultos domésticos destinados a demais religiões. A medida visava beneficiar, sobretudo estrangeiros não católicos que residiam no Brasil.

[...] tornou-se, no plano religioso, um país efetivamente mais desenraizado, mais tolerante [...], porém, apesar das transformações ocorridas no campo religioso brasileiro, Umbanda e Candomblé prosseguiram sendo alvo de discriminação e intolerância. (MARIANO, 2007, p. 128 apud SILVA, 2017, p. 4)

Em 1888 a lei Áurea colocou institucionalmente fim ao sistema escravocrata, entretanto ainda haveria um longo caminho a ser trilhado em busca da liberdade, pois estes negros passaram a condição de ex-escravo e continuaram vivendo à margem social, em condições semelhantes ao cativo. Após a abolição, a população negra nas cidades aumentou muito, pois os libertos iam para os centros urbanos em busca de melhores oportunidades. Os que conseguiam trabalho submetiam-se a atividades degradantes em troca de um ínfimo pagamento (SILVA, 1994).

As principais religiões de matriz africana presentes hoje no Brasil são o Candomblé e a Umbanda. O Candomblé é considerado uma religião mágica, não possuindo ideia de salvação e se distanciando muito do padrão cristão da sociedade brasileira. As religiões mágicas compreendem o mundo através de forças sagradas de outro mundo (PRANDI, 1997).

Já Umbanda foi fundada em 1908, porém sofreu influências não apenas católicas, mas também Kardecistas²⁸ entre a década de 1920 e 1930, e por isso leva o título de religião afro-brasileira. Atualmente o culto umbandista está estruturado em sete linhas ou falanges, onde são cultuados além dos orixás, preto velhos, ciganos, boiadeiros, marinheiros, entre outros. Na umbanda, todo orixá possui um santo católico correspondente, existindo uma variação de acordo com a região do culto. Por exemplo, ogum que é cultuado na imagem de São Jorge em algumas regiões e de Santo Antônio em outras. Iemanjá é cultuada em algumas regiões na figura de Nossa Senhora da Conceição, em outras de Nossa Senhora dos Navegantes ou ainda Nossa Senhora da Assunção (SILVA, 1994). A Umbanda apropriou do Kardecismo elementos que não estão presentes no Candomblé, como a reencarnação e o carma, acreditando que cada fiel reencarna para pagar os erros da vida passada e para evoluir (HUBERT, 2011), a comunicação com espíritos de falecidos através da possessão ou transe, além de elementos como caridade e

²⁸ O kardecismo foi criado por Allan Kardec no século XIX, na França e ganhou muitos adeptos no Brasil (SILVA, 1994).

altruísmo. Outra diferença entre o Candomblé e a Umbanda que merece ser destacada é que no candomblé, os filhos de santo incorporam os próprios orixás (deuses), enquanto na umbanda os filhos de santo incorporam apenas espíritos de pessoas mortas, como os caboclos e pretos velhos (SILVA, 1994). A incorporação no candomblé é considerada um transe, pois são entidades divinas que se manifestam através do corpo do fiel, já a incorporação que ocorre na umbanda é considerada uma possessão, pois são pessoas já falecidas que se manifestam através do corpo do fiel.

De todo o panteão de deuses e entidades cultuadas nas religiões de matriz africana, um orixá/entidade possui importante ligação com os cemitérios, abarcando também o objeto desta pesquisa. Exu é cultuado tanto na Umbanda, como no Candomblé, porém no Candomblé ele é considerado um orixá, enquanto na Umbanda ele é considerado uma entidade de esquerda. Na Umbanda, os espíritos, entidades e orixás são divididos em sete linhas ou falanges, porém essa divisão normalmente diverge entre os terreiros, pois cada pai de santo escolhe e define as linhas de trabalho da casa. Há também outra ordenação, que é a divisão das entidades e orixás em direita e esquerda. Os “orixás-santos, caboclos, pretos velhos e crianças” (NEGRÃO, 1996, p. 83) são considerados de direita, pois fazem apenas o bem e seguem princípios morais. Já os Exus, Pomba-gira e Zé-Pelintras, são considerados entidades de esquerda, que “aceitam qualquer pedido de seus clientes, independentemente de preocupações de ordem moral, desde que pagos para isso” (NEGRÃO, 1996, p.83).

Exu é uma entidade/orixá que possui características muito contraditórias, e talvez essa seja um dos grandes motivos de causar medo em quem não o conhece. “É astucioso, grosseiro, vaidoso, indecente a tal ponto que os primeiros missionários, assustados com essas características, comparam-no ao Diabo” (VERGER, 1981, p. 76), levando a culpa de todo o mal. É um anti-herói, que contesta a ordem das coisas (SILVA, 2013). Entretanto, nas religiões de matriz africana, Exu é considerado o orixá mensageiro, intermediador entre os homens e os orixás, “nada se faz, portanto, sem a sua permissão” (SILVA, 1994, p. 70), e em qualquer trabalho religioso ele precisa ser saudado primeiro, pois é responsável por abrir os caminhos. Porém também há quem acredite que toda cerimônia religiosa inicia-se saudando Exu para “acalmá-lo e dele obter a promessa de não perturbar a boa ordem da cerimônia que se aproxima” (VERGER, 2012, p. 73 apud

FERNANDES, 2017, p. 21). Para Silva (2013), Exu representa a fusão da cosmologia africana, brasileira e europeia, na figura de orixá, santo católico ou do próprio diabo.

Existe também um Exu feminino, a Pomba-gira, “que desafia a ordem patriarcal da sociedade brasileira por meio da não aceitação da subordinação da mulher aos papéis domésticos tradicionais de esposa e mãe” (SILVA, 2013, p. 1100). A Pomba-gira é uma entidade que renega todos os papéis impostos pela sociedade as mulheres, é sempre muito alegre e dançante. Por isso leva o estereótipo de prostituta (SILVA, 2013), e normalmente lhe são realizados pedidos relacionados a vida amorosa/afetiva. É importante ressaltar que mesmo a Pomba-gira sendo considerada um Exu Feminino, a ela não compete nenhuma das responsabilidades atribuídas a figura de Exu masculino. É paradoxal que a Pomba-gira seja uma figura que “desafia a ordem patriarcal da sociedade brasileira” (SILVA, 2013, p. 1100), porém continua sendo inferior em relação a figura de Exu.

Exu também é conhecido por atender a todos os pedidos que são lhe feitos, desde que sejam devidamente pagos, pois cobra oferendas em troca do que lhe é pedido. Este é um dos outros motivos que lhe renderam a atribuição de “diabo”, pois também lhe são encomendados trabalhos para causar o mal. Exu não faz distinção, e faz o que lhe pedem (SILVA, 2013). Essas oferendas que são realizados para o pagamento de trabalhos ou simplesmente para homenagear algum orixá são chamadas de Ebós, ou despachos. O Ebó é “um dos principais e mais frequentes meios de propiciar beneficentemente as divindades das religiões afro-brasileiras para realizarem os desejos humanos, ou agradecer” (SILVA, 1995, p. 224), é um sacrifício litúrgico onde comungam orixás e devotos (FERNANDES, 2017). No caso de Exu esse agradecimento funciona realmente como um pagamento, pois segundo a tradição dessas religiões, Exu cobrará um preço muito caro caso não receba o pagamento estipulado.

Os Ebós podem ser feitos para qualquer orixá, de acordo com a intencionalidade da pessoa, e sempre são orientados por um pai de santo, que indica o que a oferenda deve conter, e o local a ser depositada. Ele funciona como “uma receita prescrita pelo médico” (SILVA, 1995, p.226), porém prescrito pelo pai de santo, neste caso, conciliando elementos simbólicos para o orixá e também para a intencionalidade do fiel. O fiel oferece o seu melhor, aguardando que seja restituído pela entidade divina (FERNANDES, 2017).

Exu tem papel importante em todos Ebós, independente da intencionalidade ou divindade destinada. É que exu é o orixá mensageiro, e é ele que deve avisar a entidade homenageada sobre o Ebó, para que ele possa vir recebê-la. O Ebó faz parte de uma “dinâmica mítico-religiosa” (FERNANDES, 2017, p. 21) que restitui o equilíbrio, reconecta os dois mundos (FERNANDES, 2017). Normalmente os Ebós eram realizados nos locais correspondentes ao orixá em questão, os de Oxóssi nas matas, de Iemanjá no mar, de Iansã no bambuzal, de Oxum na cachoeira (SILVA, 1994, p. 95), porém esses locais tiveram que ser repensados nos centros urbanos, “num processo de ressignificação de seus espaços instituídos, como praças, ruas, encruzilhadas, cemitérios” (SILVA, 1995, p. 225). Não entraremos em detalhes sobre os locais dos despachos de cada orixá, pois nosso objeto central é o cemitério, e por isto iremos nos restringir aos rituais praticados no cemitério do Heimtal.

Existem quatro entidades/orixás que podem ser cultuados no cemitério: Exu/Pomba-gira, Obaluaiê, Iansã e Preto Velhos (SILVA, 1994). Exu é o orixá mensageiro, que realiza o intermédio entre vivos, mortos e orixás. Por isso um de seus lugares preferidos é o cemitério, limite do mundo dos vivos e mortos. Obaluaiê, orixá das doenças e da morte, é responsável pelo solo do cemitério, enquanto Iansã possui poder sobre os espíritos dos mortos (SILVA, 1995). Já os Preto Velhos são associados ao culto das almas.

Contudo, no Brasil os cemitérios foram locais tradicionalmente geridos pela igreja católica e mesmo com a secularização destes espaços a religião cristã continuou sendo privilegiada dentro destes espaços. As práticas das religiões afro-brasileiras são malvistas e reprovadas por parte da população cristã, obrigando os adeptos das religiões de matriz africana a ter que fazer seu ritual de forma muito reservada, às vezes até escondida (SILVA, 1995). A liberdade de culto é garantida pela constituição brasileira, “assim como o livre acesso a lugares públicos” (SILVA, 1995). Mesmo o cemitério sendo um local onde a religiosidade é tão presente, possuindo em sua maioria capelas e símbolos cristãos, os praticantes de religiões de matriz africana ainda encontram muita resistência e acabam tendo que realizar seus ritos de maneira marginal, as escondidas.

Nos cemitérios brasileiros, é comum encontrar garrafas de bebidas alcoólicas ou velas coloridas que são utilizadas para oferendas, porém alguns tipos

de oferendas contendo alimentos ou animais sacrificados são incompreendidas pela ótica cristã da sociedade, que na maioria das vezes demonizam tais práticas.

Imagem 23 - Túmulo sem identificação, cemitério do Heimtal, 2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Na imagem 23 podemos observar um dos tipos de oferenda mais comuns, que são as oferendas de bebidas alcoólicas. Segundo tradições das religiões de matriz africana, a cachaça é uma bebida muito apreciada por Exu, e lhe agrada muito este tipo de bebida em seus Ebós (SILVA, 2004). Ao lado da cachaça, há um prato contendo pimentas vermelhas, cigarros e queijo com goiabada. A pimenta também é um alimento que agrada a Exu, porém o queijo e a goiabada não são alimentos que comumente são ofertados para exu, e que desconhecemos sua importância simbólica. O cigarro também está presente, e ele normalmente é muito utilizado nos despachos para Exu ou Pomba-gira. Ao redor do prato, nota-se a

presença de cera derretida de vela, indicando a presença das velas acesas no momento da oferenda.

Imagem 24 - Ebó no túmulo de Otto Kuss, cemitério do Heimtal, 2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Imagem 25 - Detalhe do Ebó no túmulo de Otto Kuss, cemitério do Heimtal, 2019.



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

Nas imagens 24 e 25 podemos notar um outro tipo de Ebó. Ele foi realizado em um túmulo onde está sepultada uma criança de 8 anos, pois segundo as informações contidas na lápide Otto Kuss nasceu em 1926 e faleceu no ano de 1934, e algo que chama muito a nossa atenção é a presença de muitos doces e de cigarros. A presença de doces e a realização da oferenda sobre um túmulo de uma criança, é indício de que a oferenda foi feita para algum espírito infantil, os chamados erês ou ibejis, apesar de não ser comum a realização de oferendas para erês em cemitérios, pois normalmente os trabalhos para essas entidades são feitos em jardins.

Imagem 26 - Ebó em túmulo desconhecido, cemitério do Heimtal, 2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Na imagem 26 observamos um Ebó com feijão preto, pimentas vermelhas, cachaça e velas. Segundo Silva (1994), a cachaça e a pimenta são oferendas alimentares realizadas tipicamente para Exu, enquanto o feijão preto é uma oferenda alimentar de Ogum, deus ferreiro. Não há como afirmarmos as intencionalidades deste trabalho, porém podemos levantar algumas hipóteses a partir dos alimentos encontrados. Uma das hipóteses é que a pessoa que fez o Ebó é filha de Ogum, e por isto o feijão está presente, ou ainda que este trabalho tenha sido feito almejando resolver problemas relacionados ao trabalho, pois Ogum “é indicado para resolver problemas relacionados a negócios e trabalhos; conhecido como guerreiro, ajuda a vencer os inimigos e a abrir caminhos” (SILVA, 1995). Uma terceira hipótese é que tal Ebó foi feito para um Exu chamado *Xoroque*, figura dual metade Exu metade Ogum. Exu-Xoroque é representado por uma imagem metade demônio, negro e com tridente na mão, e metade São Jorge, santo católico branco sincretizado com Ogum (SILVA, 2013).

As próximas imagens (27, 28 e 29) são de um Ebó também realizado em um túmulo sem identificação. Aparentemente não há ninguém sepultado neste jazigo, pois ele está aberto e as oferendas foram colocadas dentro dele.

Imagem 27 - Ebó em túmulo desconhecido, com galinhas sacrificadas, cemitério do Heimtal, 2019.



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Na imagem 27 temos uma fotografia geral, mostrando toda a oferenda, e nas imagens 28 e 29 podemos ver dois recortes da oferenda. Este é o tipo de Ebó que causa repúdio na maior parte da população, pois animais sacrificados são utilizados. Logo, são realizados em locais afastados, com pouca circulação de pessoas. O cemitério do Heimtal é perfeito para este fim, pois localiza-se no final de uma rua sem saída, tendo apenas uma casa próxima. É rodeado de plantações, lotes vazios e faz fundos com uma pequena mata. Além disso, não possui funcionários do poder municipal. A pessoa responsável por tomar conta do lugar presta um serviço informal, porém trataremos disto mais adiante. Porém gostaríamos de pontuar que não é apenas por se localizar em um local mais afastado, que o cemitério do Heimtal recebe com frequência tais trabalhos mágicos/religiosos, pois outros cemitérios possuem essa mesma característica e não são utilizados para este fim. Um exemplo é o citado cemitério São Rafael de Rolândia, que se localiza em uma área rural e possui muros com aproximadamente

um metro de altura, sendo muito fáceis de pular. Mesmo sendo distante, sem muito movimento, e com muros baixos, não é comum no cemitério São Rafael encontrar Ebós, pois o cemitério é importante para a comunidade a qual pertence. Já o cemitério do Heimtal é um cemitério marginalizado, esquecido e desvalorizado pela comunidade em que está inserido, constituindo um local atrativo para estes cultos marginais²⁹.

Imagem 28 - Detalhe de Ebó com galinhas sacrificadas, cemitério do Heimtal, 2019.



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Imagem 29 - Detalhe de Ebó com galinhas sacrificadas, cemitério do Heimtal, 2019.



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

Logo na entrada do túmulo, podemos observar a presença de farofa e pimentas vermelhas, típicas oferendas alimentares para Exu. Mais ao fundo observamos dois alguidares³⁰, cada um com uma galinha preta sacrificada. Galinhas pretas também são típicas oferendas alimentares de Exu ou de Pomba-gira, porém a presença de uma garrafa de espumante/cidra vermelha indica que a oferenda foi feita para Pomba-gira, pois esta bebida é “bebida” apenas por ela. Provavelmente este trabalho foi feito almejando algo no campo amoroso.

²⁹ Os rituais realizados no cemitério do Heimtal foram chamados de marginais, pois são realizados de modo clandestino, escondidos da sociedade e do poder público.

³⁰ Espécie de vaso de barro muito utilizado para realização de oferendas no Candomblé e na Umbanda.

As próximas imagens são de um trabalho que foi realizado no cemitério, porém já havia sido retirado do local original e estava jogado no “lixão” quase em frente ao cemitério, onde são jogados restos das reformas realizadas nos túmulos, vasos de flores, Ebós retirados do cemitério, e lixo em geral.

Imagem 30 - “Trabalho” encontrado em frente ao cemitério, cemitério do Heimtal, 2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski.

Imagem 31 - “Trabalho” encontrado em frente ao cemitério, cemitério do Heimtal, 2019



Fonte: SALA, Gabriela Cubaski

Como mencionado, tais objetos foram encontrados no “lixão” na rua dos cemitérios (quase em frente). Pela presença das cores vermelho e preto podemos imaginar que era um trabalho destinado a Exu, porém este é muito diferente dos Ebós analisados, pois foi a primeira vez que encontramos objetos oferecidos a um orixá ou entidade no cemitério. Os Ebós consistem em oferendas alimentares para determinados orixás, em agradecimento ou pedindo algo. Como tais objetos haviam sido retirados do local original, não sabemos se estavam acompanhados de alimentos e bebidas. A caixinha vermelha com uma cruz branca, em formato de caixão e possuindo um bonequinho dentro claramente representam a morte. Possivelmente tal ritual foi feito visando o mal de alguém, e certamente o pedido foi feito a Exu, conhecido por atender qualquer pedido que é lhe feito.

O cemitério é um local culturalmente vivo, permeado por crenças e histórias que alimentam seu caráter mágico e sobrenatural. Quase em todo cemitério se ouve histórias sobre acontecimentos surreais, ou histórias extraordinárias sobre algum falecido enterrado ali. No cemitério do Heimtal não é diferente, uma das histórias mais lembradas pela comunidade local é sobre o “túmulo dos anjinhos”, onde estão sepultados irmãos gêmeos, de oito meses de idade, e que faleceram no mesmo dia. Segundo acreditam, os meninos morreram envenenados, porém as opiniões sobre quem os envenenou divergem³¹.

Para falar um pouco mais sobre o sobrenatural que permeia o local, entrevistamos uma das únicas moradoras das proximidades do cemitério: Dona Maria Helena reside exatamente em frente aos portões do cemitério, e conta que já viu ouviu muita coisa. Segundo ela, desde o dia em que se mudou, coisas estranhas ocorreram.

No dia que eu trouxe minhas coisinhas pra cá, de manhã eu acordei e fui fazer um pouquinho de café. Daí tinha um senhor lá (no cemitério), era uma alma. Um velho, um senhor, que tinha uma barba com uns 40 cm. Daí eu saí e ele disse “olha senhora, aqui quem manda é tudo eu, nesse cemitério”. Daí eu falei “então tá certo. Então o senhor manda lá (no cemitério) e eu mando aqui (na casa).” Daí ele falou “então tá bom”, e perguntou se tinha café. Eu falei que ia fazer o café, mas na hora que fui levar, ele não estava lá, não tinha ninguém. Daí que eu fui notar que a barba dele era muito comprida e que ele era uma alma, e que ele era o dono do cemitério, quem toma conta do cemitério (Maria Helena Oliveira Bernardes. Entrevista realizada no dia 30 de março de 2019).

Segundo ela, desde o início percebeu que não teria uma vizinhança normal. Dona Maria Helena compreendeu quem era o “dono do cemitério” e sempre pediu sua licença para entrar. Porém o pedido de licença não a eximiu de presenciar coisas estranhas, ou de ouvir sons durante a noite. Conta ela que certa vez

³¹ No dia 02 de novembro de 2017 (finados), foi realizado um trabalho de campo no cemitério a fim de conhecer melhor as práticas de culto aos mortos do local. Nesta ocasião, diversos visitantes mencionaram a história do envenenamento dos irmãos gêmeos.

[...] vieram fazer um sarava e eles mataram um frango. Mas não matou direito, não sei se a pessoa teve medo. Daí o galo ficou andando. Nós ficamos com dó e meus meninos trouxeram o galo aqui pra dentro do meu quintal. Mas todo dia passava uma sombra no portão. Eu falava pras crianças que esse galo tinha dono. Daí levei o galo lá (no cemitério) e nunca mais veio sombra aqui. Soltamos o galo no cemitério, e lá ele morreu. Esse galo nem cantava, nem gritava, e foi um dia o galo morreu (Maria Helena Oliveira Bernardes. Entrevista realizada no dia 30 de março de 2019).

Morando em frente ao cemitério, Dona Maria Helena aprendeu a conviver e a lidar com a presença de pessoas estranhas, acreditando na presença do sobrenatural a poucos metros de sua casa. Ela é figura importante na manutenção do cemitério, pois ela que limpa o cemitério todos os dias, retira o lixo e as oferendas que são realizadas no local, e até realiza a poda da grama. Quando questionada sobre suas responsabilidades com o cemitério e se seria uma funcionária da ACESF, dona Maria Helena afirma que não recebe nada por seu serviço, e que o realiza de bom grado em forma de gratidão a Deus por ter lhe dado um lugar para morar. A casa em que mora pertence a ACESF, e quando mudou-se estava abandonada. A ACESF nunca a questionou pela “invasão” do local, e evidentemente utiliza de seus serviços informais.

Segundo o relato de dona Maria Helena, ela reside no local desde 2009 e desde que se mudou zela pelo cemitério juntamente com seu companheiro. Ela compreende a sacralidade do cemitério em diversas óticas religiosas, e que ali também é local para rituais religiosos. Ela conta que retira os Ebós com cuidado e respeito, realizando rezas e orações para que nenhum mal lhe aconteça. Justifica dizendo que se não retirar os animais sacrificados, o local fica com malcheiroso e atrai outros animais. Normalmente joga os restos de Ebós no final da rua, onde existe uma espécie de “lixão” encostado no muro do cemitério. Quanto ao entra e sai de pessoas para a realização de trabalhos no cemitério, a moradora relata que aprendeu da pior forma a não “mexer com essas pessoas”.

Uma vez minha menina, a Fabiana, tava aqui em casa comendo, e gritou “ei, não pode fazer isso aí não”. Menina, quando ela falou isso ela tava comendo e engasgou. Na hora Fabiana mudou, ficou com o olho arregalado. Daí fui chamar a benzedeira. Mas assim mesmo ela ficou ruim uns 15 dias. O marido dela disse que ela tava transformada, que tava ruim. Mas era a entidade que encostou nela

(Maria Helena Oliveira Bernardes. Entrevista realizada no dia 30 de março de 2019).

Tendo em vista que o cemitério do Heimtal é local não apenas de sepultamentos ou da memória dos que ali então sepultados, mas também local importante para a realização de rituais religiosos, local onde o sagrado e o profano se encontram e se mesclam, podemos concluir que é um terreno fértil de manutenção da cultura e da religiosidade afro-brasileira. Local marginalizado, porém, que é palco para práticas religiosas também marginalizadas pela sociedade. O muro do cemitério pode ser compreendido como metáfora de uma barreira social, que precisa ser transpassada durante a calada da noite para a prática de uma devoção ainda marginalizada no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Memória. Palavra que para os leigos tem seu sentido ligado a lembranças de um passado, e que muitas vezes é confundida com a saudade de algo que não existe mais. O cemitério é local de memória, mas não somente por ser um local onde sentimos saudade dos antepassados, mas um local onde materializamos nos túmulos a nossa memória familiar e social, partilhando um pouco de quem somos, de onde viemos, ou em quem acreditamos.

Um túmulo nos permite observar muito que o simples registro do falecimento de um ente querido, e pudemos ver ao longo deste trabalho que o cemitério do Heimtal é peça primordial para compreendermos a história de Londrina e região.

Ao longo dos três capítulos, procuramos priorizar o espaço cemiterial como fonte histórica, porém ele também foi nosso objeto de análise, e por isto utilizamos o cruzamento de outras fontes históricas para o embasamento de nossas discussões. O acervo fotográfico construído ao longo da pesquisa também foi imprescindível para análise das características arquitetônicas e signos contidos nas sepulturas, além de possibilitar acompanhar as transformações destes objetos, e as práticas religiosas ocorridas no local.

A partir das investigações sobre o patrimônio rural do Heimtal, nos inserimos nas discussões sobre história regional e de formação de algumas cidades no Norte do Paraná, que tiveram em comum uma mesma empresa colonizadora, que utilizou do discurso do progresso e da fertilidade como um atrativo comercial, e que se inseriu na dinâmica econômica nacional ofertando uma oportunidade para que tantos imigrantes que viviam no Brasil saíssem da condição de colonos para se tornarem proprietários de terra. A possibilidade de formarem grupos étnicos, ficar próximo de pessoas parecidas culturalmente, e poder vivenciar sua cultura e sua língua, também foram importantes atrativos para estes imigrantes. Esta pesquisa se aprofundou na sociabilidade de um local majoritariamente germânico, com forte presença da língua e alemã, porém em Londrina existiram muitos outros grupos étnicos, como os japoneses e italianos, que também precisaram se reorganizar social e culturalmente ao se estabelecerem na cidade. A construção de fronteiras étnicas, dicotomizações culturais e hibridismos estão presentes em nossa história, nos diferentes grupos étnicos, e fora deles.

Buscamos através da análise dos jazigos, analisar as intencionalidades da família do falecido, ao construir e ornar cada sepultura, onde reafirmavam sua cultura, sua língua, sua memória. A partir de determinado momento, inicia-se um processo de distanciamento deste núcleo cultural germânico, e isto é visível pela ausência de signos germânicos em túmulos de famílias germânicas, e pela falta de manutenção da língua alemã ou da igreja luterana, que existia no local fechou por falta de fiéis.

De 1931 à década de 1970 podemos afirmar que o Heimtal possui uma identidade germânica bem definida. Porém essa identidade vai se dissipando pela própria dinâmica social.

Apesar deste distanciamento da cultura germânica, o cemitério ainda é um local de culto aos mortos. Culto este que é realizado no presente, e que justifica o alargamento do recorte temporal desta pesquisa, que se estendeu até o ano de 2019. Seja através de visitas dos familiares dos jacentes, ou de praticantes de alguma religião de matriz africana, o cemitério é utilizado para mediar o contato entre o mundo humano e o transcendental.

Vimos também que a CTNP projetou a exploração da região, conquistou o monopólio político e econômico, além da legitimação social (ARIAS NETO, 2008). Este trabalho buscou abordar de forma crítica o período de formação da cidade, buscando entender este processo de legitimação social, e entender a participação de atores sociais que atuaram para esta legitimação, ou que participaram de forma indireta neste processo. Carlos Strass, por exemplo, foi importante personagem para a realização e manutenção do processo colonizador, no Heimtal. Porém outras famílias de imigrantes compraram juntamente com os lotes de terra, o discurso da terra de promessa (ARIAS NETO, 2008).

A história do Heimtal é testemunha da não veracidade deste discurso, e talvez seja por isso que sua história seja excluída da memória coletiva sobre a história de Londrina. Esses imigrantes que compraram terras no Heimtal foram expostos a precárias condições, principalmente nos primeiros anos de ocupação, trabalharam duro na terra para quitar suas dívidas com a CTNP e sobreviver, porém o Eldorado permaneceu apenas na promessa. Tanto é que os pequenos produtores rurais do Heimtal não conseguiram resistir ao advento da mecanização do campo, e da dinâmica latifundiária, principalmente após o início do plantio da soja, na década de 1970. De modo que muitas das famílias germânicas

abandonaram o Heimtal para residirem na zona urbana de Londrina ou de outras cidades, além das transformações ocorridas no Heimtal, como a perda das características da cultura germânica, que outrora foram marcantes.

De germânico, restaram apenas os nomes das ruas, as lembranças dos poucos moradores que descendem destas famílias germânicas, e a cultura material presente no cemitério local, que necessita de cuidados no tangente à preservação patrimonial.

Esperamos que este trabalho acrescente positivamente à historiografia sobre Londrina e sobre o norte do Paraná, e que suscite novos questionamentos, investigações e pesquisas sobre etnicidade, história local, cultura material, uma vez que não esgotou todas as possibilidades de análises.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes

CTNP. **Livro de Inumação do Heimtal**, 1931-1947.

Maria Helena Oliveira Bernardes 30/03/2019.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Acervo digital**. Disponível em: < <http://www.inci.org.br/acervodigital/livros.php>>. Acesso em: 4 de abr. 2019.

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Livro 094, página 127

MUSEU DA IMIGRAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. livro 096, página 175.

SALA, G. C. **Acervo Fotográfico do Cemitério do Heimtal**, 2017-2019.

3. Bibliografia

ACESF. **Obituário**. Falecimento de Inácio Valmir Salomon. Disponível em: <<http://acesf.londrina.pr.gov.br/index.php/servicos-online/obituarios.html>> Acesso em: 01 set. 2018.

ALBUQUERQUE, Dayane. **Londrina terá mais um cemitério público**. Últimas Notícias: ACESF, Londrina, abr. 2016. Disponível em: <<http://acesf.londrina.pr.gov.br/index.php/ult-noticias/130-londrina-tera-mais-um-cemiterio-publico.html>> Publicado em 20 de abril de 2016, Acesso em: 30 jul. 2018.

ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de. **A morada do vale**: Sociabilidade e representações (um estudo sobre as famílias pioneiras do Heimtal). 1995. 309 p. Tese (Doutorado em Sociologia – Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas da Universidade de São Paulo, 1995).

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres no campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil**; v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. **Religião e silêncio**: Representações e práticas mortuárias entre nikkeis em Assaí por meio de túmulos (1932 – 1950). 2011. 250 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011.

ARAUJO, Heraclides C. de Souza. **A Profilaxia Rural no Estado do Paraná**: esboço de Geographia Médica. Curitiba: Livraria, 1919.

ARIAS NETO, José Miguel. **O eldorado**: Representações da política em Londrina (1930 – 1975). 2 ed. Londrina: Eduel, 2008.

ÀRIES, Philippe. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AUGUSTO, Luciano. Morre a pioneira Olga Strass. **Folha de Londrina**, Londrina, 27 maio 2004, Folha cidades, edição online. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/morre-a-pioneira-olga-strass-491111.html>> Acesso em 01 de abril 2019.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs.). **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1998. p.185 - 227.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BONI, Paulo César. **Fincando estadas: a história e Londrina (década de 30) em textos e imagens**. Londrina: Ed. do Autor, 2004.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. As doenças como objeto de estudo no contexto geográfico: Londrina 1932/1943. **Terra Livre**, Presidente Prudente Ano 23, v. 2, n. 29, p. 75-94, ago./dez. 2007.

CARVALHO, Márcia Siqueira de. **O Eldorado tardio: ouro verde e mortes**. IX Colóquio Internacional de Geocrítica. Porto Alegre, 28 de maio - 01 jun. 2007. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/9porto/marsiq.htm>> Acesso em: 21 jul. 2018.

DECOL, René D. Uma história oculta: a imigração dos países da Europa do Centro-Leste para o Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS DA ABEP, 12, 2000, Rio de Janeiro, Anais... Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/973/938>. Acesso em: 16 de set. 2018.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Em narrativas amadianas, Exu: a boca que tudo come. **Revista Criação e Crítica**. São Paulo, ano 9, n.18, p. 20-37, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/128857>> Acesso em: 25 jun. 2019.

FERRO, Marc. **A história vigiada**. Tradução de Doris Sanches Pinheiro. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora DP e A, 2006.

HUBERT, Stefan. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Revista Primeiros**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 81 - 104, mar./ago. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/primeirosestudios/article/download/45933/49535/>>. Acesso em: 24 de jun. 2019.

INVENTÁRIO URBANO-PAISAGÍSTICO. **Plano Diretor de Patrimônio Histórico-Cultural**. Secretaria da Cultura de Londrina, 2005.

IVANO, Rogério. **Crônicas de Fronteira**: imagem e imaginário de uma terra conquistada. 1. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2002.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. Funda-se um Jornal, instala-se um município: A cidade de Londrina através do jornal Paraná-Norte 1934-1936. In: SEPECH - SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 9., 2012, Londrina-PR. **Anais...** Londrina, 2012. p. 208-223.

LEME, Edson José Holtz. **O Teatro da Memória**: o Museu Histórico de Londrina: 1959-200. 2013. 276 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia Júlio de Mesquita Filho, Ciências e Letras de Assis, 2013.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

MAESIMA, Cacilda. **Japoneses, multietnicidade e conflito na fronteira**: Londrina, 1930/1958. 2012. 219 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói.

MELLO E SOUZA, Marina. A descoberta da África. In: FIGUEIREDO, Luciano. **Raízes Africanas**. Rio de Janeiro: Ed. Sabin, 2009. p. 91-98.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Magia e religião na Umbanda. **Revista USP**, São Paulo, n. 31, p. 76-89, set./nov. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25977>>, Acesso em 21 de jul. 2019.

OLIVEIRA, Denise Rodrigues de. **A inserção do Patrimônio Heimtal na cidade de Londrina-PR pela mobilidade de suas fronteiras rur-urbanas**. 2006. 84 p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geociências, Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne, **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé**. São Paulo: Hucitec, 1997.

PREFEITURA DE LONDRINA. **Distritos da zona rural**. Disponível em: <http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=613%3Adistritos-da-zona-rural&catid=13%3Aagricultura-e-abastecimento-&showall=1>. Acesso em: 15 jul. 2019.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do museu paulista**, São Paulo, v.4, p.265-82, jan./dez. 1996.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa**: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO JUNIOR, Samuel. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEYFERTH, Giralda. As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

SEYFERTH, Giralda. Imigração, Colonização e Identidade Étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). **Revista de Antropologia (São Paulo)**, São Paulo, v. 29, p. 57-71, 1987.

SILVA, Bruno Sanches Mariante da. Quando eu me chamar saudade: representações do/no Cemitério Jardim da Saudade. In: SILVA, Bruno Sanches Mariante da; MORAES, Daniela Reis de; MEDEIROS, Talita Sauer (Orgs). **Essa rua tem história: Memórias e sociabilidades da Saul Elkind**. Ed. Unifil. Londrina: 2014. p. 102-121.

SILVA, Maria Rejane da. Intolerância e demonização das práticas religiosas afro-brasileiras na cidade de Petrolina/PE nos anos 40 a 70. In: **X Encontro estadual ANPUH/PE**. 2014, Petrolina. Anais ... Recife: Editora UFPE, 2017. Disponível em: <http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/35/1397347522_ARQUIVO_INTOLERANCIAEDEMONIZACAODASPRATICASRELIGIOSASAFRO-BRASILEIRASNACIDADEDEPETROLINANOSANOS40E70.pdf>. Acesso em 31 de jul. 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos da devoção brasileira**. São Paulo: Ática, 1994.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Revista de Antropologia (USP)**, São Paulo, v. 55, n. 2, p. 1085 – 1114, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/59309>> Acesso em: 25 de jun. 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Orixás da Metrópole**. São Paulo: Vozes, 1995.

SOARES, Marco Antonio Neves Soares. **Da Alemanha aos trópicos: identidades judaicas na terra vermelha (1933 – 2003)**. Londrina: Eduel, 2012.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: histórias e fantasmagorias. Curitiba: Aos quatro ventos, 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: deuses iorubas na África e no Novo Mundo**. Salvador: Editora Corrupio, 1981.

VOVELLE, Michel. **Imagens e imaginário na história: Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. Tradução de Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

YAMAKI, Humberto. **Paisagem geográfica paranaense: Decodificando o Heimtal, um patrimônio teuto-russo em Londrina**. Rio Claro, Ano XI, Vol. 11, n. 1, jan./jun, 2011. p. 222-246. Disponível em: <

<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/olam/article/view/4922>>, acesso em 31 de jul. 2019.